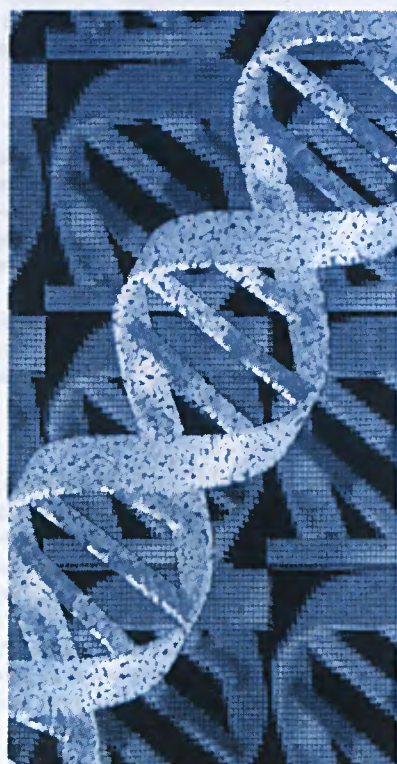


Fundo de Previdência

Projeto do governo do Estado deve sofrer alterações para contemplar especificidades das três universidades paulistas. Pág. 3

Jornal da UNESP

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
AGOSTO/99 - ANO XV - Nº 138

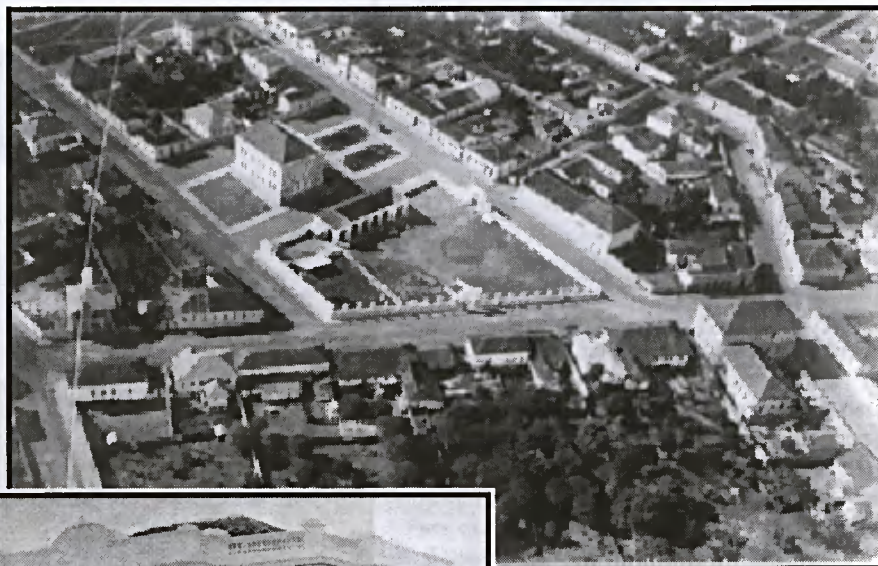


Nature

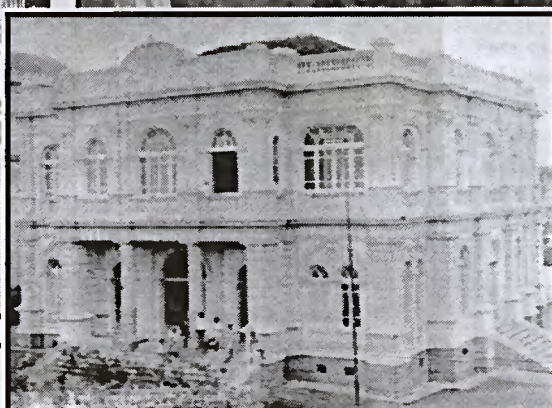
O MAPA DA VIDA

Universidade assegura seu lugar na elite da pesquisa genética mundial

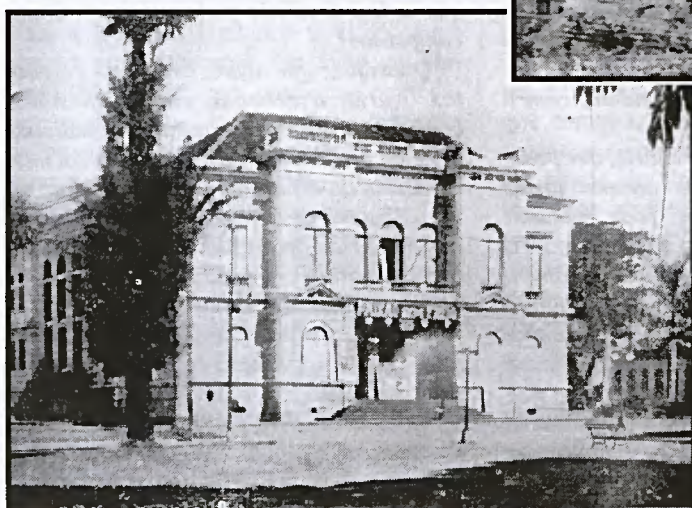
Págs. 4 e 5



Fotos: Reprodução

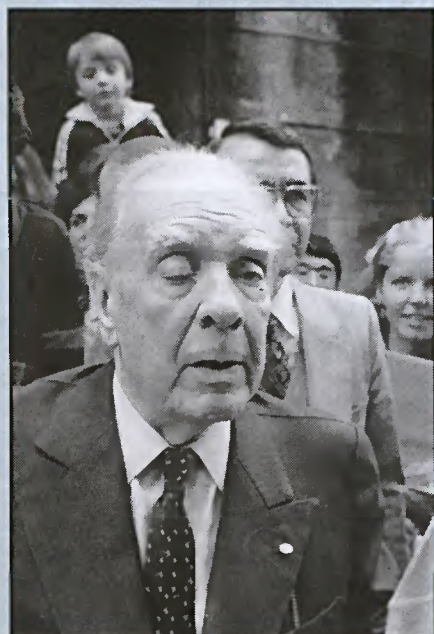


A arquitetura do interior: apropriação de conceitos estéticos da art nouveau



Belle époque caipira

Com as burras cheias e fascinada por Paris, a elite cafeeira do interior paulista recria, em plena virada do século, o brilho da aristocracia francesa. Págs. 8 e 9



Paulo Velliso

O tigre no espelho

O mundo comemora os 100 anos de nascimento de Jorge Luis Borges

Pág. 16

Oswaldo



A extensão, de cara nova

1º Congresso de Extensão propõe nova visão para atividade extensionista

Pág. 7

A ASSEMBLÉIA UNIVERSITÁRIA: ARTIGO DO REITOR ANTONIO MANOEL DOS SANTOS SILVA. PÁG. 2

A Assembléia Universitária

ANTONIO MANOEL DOS SANTOS SILVA



Definida em Estatuto (Artigo 103), a Assembléia Universitária vai-se reunir, em novembro deste ano, "para manifestar-se sobre as atividades desenvolvidas pela Universidade, bem como

sobre a programação futura".

Quatro linhas temáticas foram definidas pelo Conselho Universitário como objeto de estudos e debates dessa reunião maior: a) A Autonomia e a Avaliação Universitária; b) Gestão Universitária; c) Política acadêmico-administrativa; e d) Universidade e Sociedade. Quem trabalha na UNESP há algum tempo sabe que as quatro linhas formam um enredo intrincado. Ou seja, cada linha está relacionada com as demais de forma necessária e complexa.

Como reitor, sinto-me no dever de me manifestar neste começo de semestre letivo no sentido de convocar alunos, servidores técnicos e administrativos, pesquisadores e docentes da UNESP para que participem ativamente das atividades que já estão em andamento em cada câmpus por meio de seminários e palestras, discussões de teses e princípios. Por que isso? Porque nunca foi tão necessário o empenho de todos, não apenas no trabalho de manutenção, como também no esforço de construção da Universidade. Mesmo que alguns se sintam desanimados, a própria existência do desânimo constitui sintoma de crise que deve ser enfrentada. A omissão e a falta de esperança seriam, neste momento, desastrosas para cada um que vive a Universidade e para a própria sobrevivência dela.

As quatro linhas temáticas gerais podem dar a impressão de que o evento de novembro vai repetir temas muito batidos e já superados, temas que nos cansaram ou por terem sido banalizados ou por terem servido apenas ao exercício de discursos grandiloquentes, ou por não terem propiciado nenhum avanço a não ser o de um discutível prestígio pessoal em virtude de ocasional liderança. Há de fato esse risco, mas gostaria de apontar para aspectos que hoje despertam a atenção crítica das grandes universidades do mundo inteiro e que se relacionam com as linhas temáticas apontadas.

A meu ver, acabará no conhecido e no vazio qualquer discussão sobre autonomia universitária que não enfrente o problema constrangedor, para a administração, da dependência ao Estado (não necessariamente ao governo) e o igualmente constrangedor, para os diferentes interesses corporativos e político-partidários, problema da isonomia. Não conseguiria discernir muitas contribuições possíveis se a assembléia descursasse, nesse primeiro tópico, da questão da internacionalização (credenciamento e creditação, inclusive), da cooperação regional e dos vínculos com os vários empreendimentos que concernem ao desenvolvimento tecnológico. Quanto à avaliação universitária (já implicada nos assuntos da internacionalização, da autonomia e da isonomia), não creio que possa alienar-



Mariza Dias Costa

se de outro elemento fundamental, o do controle social e de uma atitude ou hábito que parece alimentar hoje o corpo universitário: a individualização ou, se se quiser, a apropriação individualista da atividade universitária, sem compromisso radical com a universidade pública, com o conhecimento a ser gerado e difundido, com a formação dos alunos.

O tema da gestão universitária, que poderá se transformar num tema candente, já que envolve exercício do poder, pode estimular estudos e debates sobre o papel ou os papéis dos dirigentes (desde chefes de departamentos até reitor) e dos colegiados, os planos estratégicos de gestão e seu acompanhamento, sua verticalização e horizontalização, as virtualidades dos contratos de gestão, a descentralização ou a desconcentração, bem como a difícil conciliação entre burocracia, exercício democrático e agilidade ou presteza de decisão e de execução. Seria preciso aqui lembrar que esses assuntos se relacionam intimamente com os que dizem respeito à linha temática da Política Acadêmico-Administrativa? E que implicam refletirmos sobre como trabalhar com as tentativas externas e internas de instrumentalização político-partidária da Universidade? E que repercutem em problemas como o da profissionalização da gestão, o dos perfis ocupacionais e o da compatibilidade entre costumes acadêmicos, exigências legais e trabalho competitivo?

A última linha temática talvez seja a mais problemática e, quem sabe, aquela potencialmente capaz de gerar algumas diretrizes inovadoras e renovadoras. Pois é na relação entre a Universidade e a sociedade que se descobrem as fontes das crises que abalam a universidade contemporâ-

nea: crise de hegemonia, crise de legitimidade, crise institucional. Trata-se de responder a duas perguntas aparentemente simples: quais os compromissos coletivos que a Universidade pode assumir? Como cumpri-los?

Quaisquer que sejam as nossas respostas, trarão a reboque outras questões, como, por exemplo, a questão do imediatismo e do mediatismo das demandas sociais, a questão da expansão das ofertas tanto de vagas quanto de cursos, a questão da criação de cursos "para futuro" e da atualização curricular, a questão da responsabilidade social da universidade na construção da coesão social, a questão das melhores práticas de cooperação com as empresas e da cooperação com o governo em políticas públicas de desenvolvimento social, a questão da ação regional, a questão das fundações ou da rede de fundações, a questão da divulgação institucional e dos modos de comunicação com a sociedade etc.

Pode-se perceber que não faltam problemas nem aspectos da realidade universitária a serem examinados ou reexaminados. Insisto na necessidade de participação, principalmente dos mais experientes no ensino, na pesquisa e na extensão, dos que aprenderam ao longo de muitos anos as lições da vida universitária e que, em virtude dessa experiência e até do respeito de que gozam no meio acadêmico, poderão contribuir substancialmente para que a Assembléia Universitária possa constituir-se num momento de análise e julgamento que leve a propostas exequíveis de consolidação e melhoria da UNESP.

Antonio Manoel dos Santos Silva é reitor da UNESP.

CARTAS

ESFORÇO E CRIATIVIDADE

Bem-feito, agradável de ler e sempre tratando de temas capazes de interessar alunos, professores e funcionários, o **Jornal da UNESP** é aguardado todos os meses aqui no câmpus de Bauru, onde sou professor do Departamento de Comunicação Social. Isso mostra que a equipe faz o jornal a partir das perspectivas do seu público-alvo. Vejo o esforço e a criatividade de todos vocês como fator de integração entre os câmpus da UNESP. Se a Universidade está crescendo de conceito em termos de qualidade de ensino, isto também se deve à participação de vocês, que divulgam e incentivam a pesquisa. Parabéns!

Pedro Celso Campos, professor de Técnicas de Reportagem, Entrevista e Pesquisa Jornalística da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação do câmpus de Bauru.

FUTUROS CALOUROS

Gostaria de parabenizar a todos os que participam da elaboração do **Jornal da UNESP**. Além de lê-lo todos os meses, costumo deixá-lo no pré-vestibular em que dou aulas, para que os futuros calouros entrem em contato com essa Universidade.

Elvira Sampaio, professora de Bases Biológicas da Atividade Física e de Fisiologia do Exercício do curso de Educação Física da Universidade Estadual de Ponta Grossa, Paraná.

TEMORES CONFIRMADOS

Mãe de dois garotos pré-adolescentes, sempre vi com preocupação o avanço de atividades que julgo mais produtivas, como a leitura, e os afastava do convívio social. A reportagem *Perigo virtual ou real?*, publicada na edição de julho último do **Jornal da UNESP**, nº 137, veio confirmar meus temores, ao afirmar que, entre outras coisas, esses jogos eletrônicos promovem a violência e a alienação. **Vanda C. Menezes**, psicóloga. Sorocaba, SP.

REPORTAGENS OPORTUNAS

De muito bom alvitre o nº 137 do **Jornal da UNESP**, de julho deste ano, que trouxe textos sobre projetos da UNESP especialmente dirigidos a crianças e adolescentes, no âmbito dos programas de Extensão Universitária. Cito especialmente as reportagens *Filhos do silêncio*, sobre projeto coordenado pela pedagoga Luci Pastor Manzoli, do Departamento de Didática da Faculdade de Ciências e Letras do câmpus de Araraquara, e *Busca do equilíbrio*, abordando programa de psicoterapia com crianças, adolescentes, adultos e idosos desenvolvido na Faculdade de Ciências e Letras do câmpus de Assis, com supervisão da psicóloga Marlene Waideman Martinez, que só no ano passado realizou 8.613 sessões de atendimento a 713 pessoas de Assis e região. São exemplos notáveis de Extensão, decorrentes de autêntica preocupação com a melhoria da nossa sociedade. Parabéns às pesquisadoras e ao jornal, pela oportunidade das matérias.

Renata Soares Junqueira, professora de Literatura da Faculdade de Ciências e Letras do câmpus de Araraquara.

AGRÔNOMICAS, NÃO AGRÁRIAS

A professora Vera Lex Engel integra o corpo docente da Faculdade de Ciências Agrônomicas da UNESP, câmpus de Botucatu, e não da "Faculdade de Ciências Agrárias", como saiu publicado na reportagem *Mancha Verde* (edição de junho, nº 136, do **Jornal da UNESP**).

Elias José Simon, diretor da Faculdade de Ciências Agrônomicas do câmpus de Botucatu.

unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Reitor: Antonio Manoel dos Santos Silva
Vice-reitor: Luis Roberto de Toledo Ramalho
Pró-reitor de Administração: Ricardo Antonio de Arruda Veiga
Pró-reitora de Graduação: Maria Aparecida Viggiani Bicudo
Pró-reitor de Pós-Graduação e Pesquisa: Fernando Mendes Pereira
Pró-reitor de Extensão Universitária: Edmundo José De Lucca
Secretária Geral: Maria de Lourdes Mariotto Haidar

Diretores das Unidades Universitárias: João César Bedran de Castro (FO-Araçatuba), Paulo Eduardo de Toledo Salgado (FCF-Araraquara), Wellington Dinelli (FO-Araraquara), Cláudio Gomide de Souza (FCL-Araraquara), José Roberto Ernandes (IQ-Araraquara), Antônio Queice Salgado (FCL-Assis), Cleide Santos Costa Biancardi (FAAC-Bauru), José Misael Ferreira do Vale (FC-Bauru), Edwin Avolio (FET-Bauru), Elias José Simon (FCA-Botucatu), Paulo Eduardo de Abreu Machado (FM-Botucatu), Shella Zambello de Pinho (IB-Botucatu), Eunice Oba (FMVZ-Botucatu), Luiz Antonio Soares Hentz (FHDSS-Franca), Fernando Augusto Silva Marins (FE-Guaratinguetá), Orivaldo Arf (FE-Ilha Solteira), Júlio César Durigan (FCAV-Jaboticabal), Antônio Geraldo de Aguiar (FFC-Marília), Messias Meneguette Junior

(FCT-Presidente Prudente), Osvaldo Aulino da Silva (IB-Rio Claro), Silvio Carlos Brey (IGCE-Rio Claro), Maria Dalva Silva Pagotto (Ibilce-São José do Rio Preto), Maria Amélia Máximo de Araújo (FO-São José dos Campos) e Regina Coeli Guedes de Souza Pinto (IA-São Paulo).

JORNAL DA UNESP

Editor chefe: José Roberto Ferreira
Editor: Paulo Velloso
Redação: Evanildo da Silveira e Oscar D'Ambrosio
Editor de Arte: Celso Pupo
Edit. Eletrônica: Paulo Nunes Rocha
Fotografia: Hélcio Toth
Colaboraram nesta edição: Renata Franco e Waltair Martão (reportagem); Julio, Mariza, Osvaldo e Paulo Zilberman (ilustração)

Produção: Mara R. Marcató e Patrícia do Carmo
Revisão: Maria Luiza Simões
Tiragem: 15.000 exemplares
Este jornal, órgão da Reitoria da UNESP, é elaborado mensalmente pela Assessoria de Comunicação e Imprensa.

A reprodução de artigos, reportagens ou notícias é permitida, desde que citada a fonte.
Endereço: Alameda Santos, 647, 13º andar, CEP 01419-001, São Paulo, SP. Telefone (011) 252-0323 e 252-0327. Fax (011) 252-0207. e-mail: aci@reitoria.unesp.br. e-mail para solicitação de alteração na mala direta: maramar@reitoria.unesp.br
home-page: http://www.unesp.br
Fotolito e Impressão: Imprensa Oficial

A hora da decisão

Projeto do governo do Estado depende de mudanças para contemplar a todos os servidores das três universidades



DIREITO ASSEGURADO
Dêa, da Assessoria Jurídica (no detalhe) e reunião do Cruesp: correção de desigualdades entre pessoas absolutamente iguais

Fotos Hélio Toth

Edição especial

Dentro do plano de ação conjunta do Cruesp, está prevista a publicação de edições especiais dos jornais de cada uma das três universidades, abordando os vários aspectos do Fundo de Previdência do Estado. A edição será veiculada na segunda quinzena de agosto.

A discussão sobre a criação de um fundo de previdência para os servidores públicos do Estado de São Paulo está chegando ao seu momento decisivo com o envio, em junho último, pelo Governo do Estado de São Paulo, à Assembleia Legislativa, do Projeto de Lei Complementar nº 11/99, que dispõe sobre o Regime Próprio de Previdência dos Servidores Públicos do Estado de São Paulo. O objetivo do governador Mário Covas é que os deputados votem o projeto até outubro próximo. “Os debates passam a ser agora tanto no âmbito do legislativo como no do executivo, e serão necessárias ações políticas para que o Projeto contemple as especificidades das universidades públicas paulistas”, diz Antonio Manoel dos Santos Silva, reitor da UNESP.

Presidente do Conselho de Reitores das Universidades Públicas Estaduais Paulistas (Cruesp), integrado também pelos reitores da Unicamp e da USP, Antonio Manoel informa que o órgão está atuando de modo a unificar o encaminhamento das propostas das três universidades. “A mudança de regime previdenciário é essencial, mas deve preservar o direito dos servidores a garantir o seu futuro e compatibilizar o novo sistema com a autonomia e as condições de financiamento das nossas universidades”, observa o reitor da UNESP.

FUNDO ÚNICO

Os estudos sobre a criação de um fundo para as aposentadorias dos servidores públicos vêm ocorrendo desde meados de 1998, quando uma comissão técnica do Cruesp começou a discutir com o Governo do Estado o projeto do Fundo de Previdência para os Servidores Públicos, elaborado pelo consórcio de consultores São Paulo Prev. Em razão da autonomia administrativa e de gestão financeira, as universidades paulistas chegaram a pensar na possibilidade de criação de um fundo específico para seus servidores. O governo do Estado, no entanto, optou pelo fundo único para todos os funcionários públicos estaduais.

Essa é uma alternativa necessária para o governo e que pode ser válida também

para a UNESP, Unicamp e USP. Após obter a sua autonomia, em 1989, as universidades estaduais paulistas começaram a pagar os aposentados com seus próprios recursos de orçamento. “Assumimos o passivo atuarial, ou seja, os encargos com as aposentadorias existentes e futuras de nossos servidores, sem contar com uma receita específica para cobrir essa despesa”, comenta Antonio Manoel. A partir de então, o contingente de inativos foi crescendo progressivamente; na UNESP, por exemplo, consome, atualmente, 28,5% do total da folha de pagamentos de pessoal (veja quadro).

O problema é que o projeto apresentado pelo governo, no que se refere ao pessoal das universidades, deixa mais gente fora do que dentro do sistema previdenciário a ser criado. O advogado

Alexandre Augusto Dêa, chefe da Assessoria Jurídica da UNESP, explica que “a proposta do Governo inclui somente os servidores públicos titulares de cargo efetivo; os extranumerários; os admitidos sob a égide da Lei nº 500/74 que gozem de estabilidade, dentre outros; os atuais aposentados e pensionistas; e os servidores das universidades, regidos por estatuto próprio, no caso da UNESP, pelo Edunesp e Esunesp, que já completaram ou vierem a completar os requisitos para a obtenção da aposentadoria até a data da entrada em vigor da Lei Complementar”.

DESIGUALDADE

No entanto, os docentes, pesquisadores e técnico-administrativos autárquicos que completarem os requisitos para a obtenção da aposentadoria após a entrada em vigor do Projeto de Lei não estão incluídos no Regime proposto. “Isso significa que o servidor autárquico que contribuiu para o Ipesp ao longo de sua carreira, ao se aposentar um dia após a entrada em vigor da nova lei, terá direito a apenas o teto máximo do INSS, de R\$ 1.200,00, enquanto aquele que efetuou a mesma contribuição, mas se aposentou um dia antes, poderá usufruir da aposentadoria integral garantida pelo Fundo agora proposto pelo governo estadual”, compara Dêa.

Como não se sabe quando a nova lei entrará em vigor, também não é possível prever quantos servidores da UNESP poderão se aposentar até lá e se beneficiar, conforme o texto enviado à Assembleia Legislativa. Já é sabido, no entanto, que além dos atuais 2.773 inativos, apenas 1.394 docentes e um servidor técnico-administrativo estarão incluídos no projeto do governo. São detentores de cargos efetivos. Por outro lado, levantamento feito pela Reitoria revela que ficarão de fora 1.456 docentes e 7.209 técnico-administrativos, todos servidores autárquicos regidos pelos estatutos próprios da Universidade: o Estatuto dos Servidores Docentes do Ensino Superior e dos Pes-

O TAMANHO DO ROMBO

O financiamento da previdência dos funcionários estaduais é, de fato, uma grande ameaça ao equilíbrio das contas públicas do Estado de São Paulo. As despesas do erário paulista com inativos e pensionistas são de R\$ 6 bilhões por ano, enquanto a contribuição dos servidores soma apenas R\$ 621 milhões. Portanto, o déficit corrente da previdência paulista é de R\$ 5,4 bilhões.

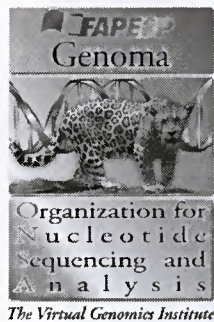
E o que preocupa ainda mais é o crescimento das despesas com inativos. Em 1998, os inativos responderam por 35% do total dos gastos com pessoal; e, se nada for feito para conter estas despesas, elas deverão atingir 50% no ano de 2005, passando a 67%, em 2016. “Basta verificar o que aconteceu na UNESP. Há dez anos, os aposentados representavam 7% da nossa folha de pagamento. Hoje, sua participação é de 28,5%”, informa o economista Rogério Luiz Bucelli, responsável pelo Grupo Técnico de Planejamento Estratégico (GTPE) da Assessoria de Planejamento e Orçamento (Apl) da UNESP.



O mapa da vida

Ao participar dos cinco projetos do Programa Genoma-Fapesp, a UNESP assegura seu lugar na elite da pesquisa genética mundial

OSCAR D'AMBROSIO



The Virtual Genomics Institute

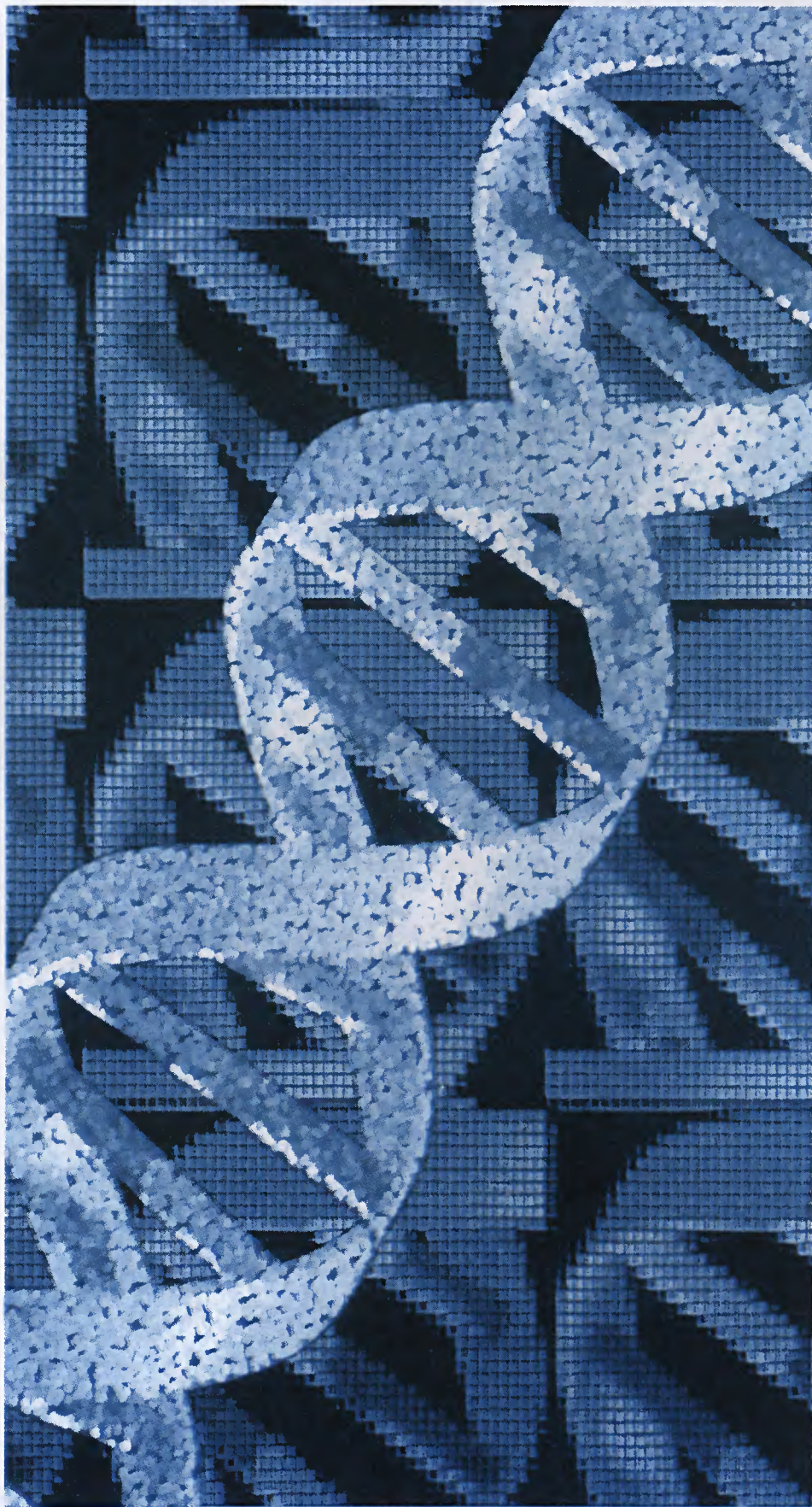
Há uma Onsa (assim mesmo, com "s") rondando a ciência do Estado de São Paulo. É ela, em última instância, que tem permitido o mapeamento genético do câncer humano, da cana-de-açúcar e dos agentes que causam o cancro cítrico e o amarelinho, pragas que atacam os laranjais paulistas. Essa Onsa, sigla em inglês de Organização para Sequenciamento e Análise de Nucleotídeos, não só não mata, como pode salvar vidas e preservar a agricultura. Onsa é o Instituto Virtual de Genoma do Estado de São Paulo, que engloba os diversos projetos do Programa Genoma-Fapesp. "Temos dado seguidas demonstrações de critério e rigor na aplicação de recursos, e a comunidade científica paulista, com os grupos estabelecidos principalmente na UNESP, USP e Unicamp, vem respondendo à altura ao investimento realizado", diz Carlos Henrique de Brito Cruz, presidente do Conselho Superior da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, a Fapesp.

A escolha da sigla Onsa expressa o respeito da ciência brasileira pela TIGR (tigre, em inglês, sem o "e"), instituição norte-americana referencial na área de pesquisa em genética molecular. "Em 1997, ao iniciarmos o sequenciamento da bactéria *Xylella fastidiosa*, causadora da clorose variegada dos citros, conhecida como 'praga do amarelinho', que afeta gravemente os laranjais paulistas, só havia projetos semelhantes no circuito EUA - Europa - Japão. Hoje, o projeto da *Xylella* está quase no fim e temos mais quatro em andamento", informa Francisco Romeu Landi, diretor presidente do Conselho Técnico Administrativo da Fapesp.

PATOGENICIDADE

Até setembro próximo, o resultado final do sequenciamento da *Xylella* será publicado na revista norte-americana *Nature*. "Além disso, estamos tentando, no Programa Genoma Funcional, encontrar os genes envolvidos com a patogenicidade da bactéria", informa a bioquímica Eliana Lemos, do Departamento de Tecnologia da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias (FCAV) da UNESP, câmpus de Jaboticabal, que participa tanto do Genoma da *Xylella* como do Funcional (veja quadro).

Iniciado nos EUA, em 1990, o Programa Genoma, destinado ao mapeamento do código genético de todos os seres vivos, é a primeira etapa para o estudo de doenças e para a obtenção de medicamentos eficazes para combatê-las.



Nature/Reprodução

Introduzido no Brasil para o estudo do amarelinho, o sequenciamento genético da *Xylella* custou cerca de US\$ 15 milhões e introduziu uma metodologia que revolucionou a pesquisa no País. "Não concentramos toda a verba em um local, mas identificamos laboratórios em várias partes do Estado, concedemos recursos e montamos uma rede virtual de pesquisa", diz Landi.

Além de mapear o genoma da *Xylella*, o primeiro Genoma tinha como objetivo capacitar os laboratórios brasileiros a entrar nessa nova era da pesquisa genética. Até agora, laboratórios da UNESP foram escolhidos pela Fapesp para atuar em todos os projetos Genoma em andamento. "A participação de grupos da UNESP evidencia um aumento no reconhecimento, pela comunidade científica, da qualidade da pesquisa realizada pela nossa Universidade", diz o farmacêutico-bioquímico Sandro Roberto Valentini, do Departamento de Ciências Biológicas da Faculdade de Ciências Farmacêuticas (FCF) da UNESP, câmpus de Araraquara, que coordena um laboratório do Genoma Humano do Câncer.

INICIATIVA BRASILEIRA

O sucesso da pesquisa com o amarelinho estimulou a Fapesp a, em março último, iniciar o Programa Genoma Humano, possível graças a uma parceria com o Instituto Ludwig de Pesquisa sobre o Câncer, organização internacional sediada em Nova York, com filial em São Paulo. "Trata-se da primeira iniciativa brasileira de contribuir de forma significativa para o sequenciamento do genoma humano", conta Valentini.

O Genoma Humano do Câncer, que receberá um investimento de R\$ 10 milhões nos próximos dois anos, tem como objetivo gerar entre 500 mil e 750 mil seqüências de genes a partir de material retirado dos tumores de maior incidência no Brasil, como os de cabeça e pescoço, gástricos e de colo de útero. "Trabalhamos com aberrações cromossômicas em tumores de pele, cabeça e pescoço, câncer ósseo, de tireóide e próstata, gerando dados para a elucidação dos mecanismos envolvidos no processo tumorigênico", diz a geneticista Eloíza Helena Tajara da Silva, do Departamento de Biologia do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce) da UNESP, câmpus de São José do Rio Preto, coordenadora de um dos laboratórios de sequenciamento do Projeto.

Para a docente do Ibilce, uma vez terminado esse trabalho de sequenciamento de genes, as informações obtidas no projeto poderão ser de grande valia no futuro para o tratamento, cura e prevenção desses tipos de câncer, representando uma contribuição inédita da ciência nacional na corrida global pelo mapeamento dos 3 bilhões de genes que formam o *Homo sapiens*.



Fotos: Hélio Toth



PRAGA DO AMARELINHO
A bioquímica Eliana: investigação genética da *Xylella fastidiosa*

PESQUISA
O diretor presidente Landi, da Fapesp: programa apontou novas lideranças



CÂNCER
Eloíza: **aberrações cromossômicas**

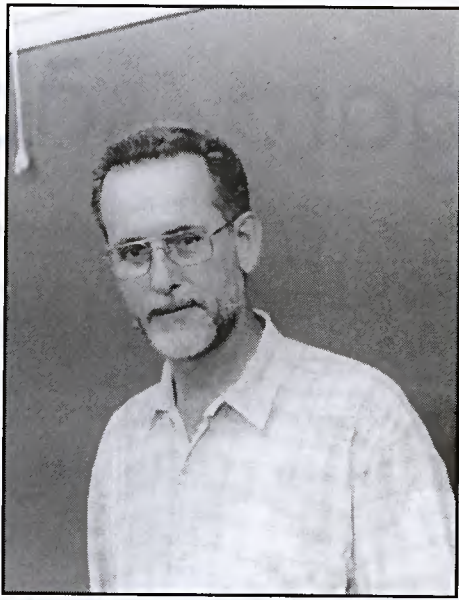
sapiens. "O projeto pode ajudar na elucidação do genoma humano e a UNESP está participando desse processo", diz Eloíza.

MAIS RAPIDEZ

Para isso, os pesquisadores contam com uma nova tecnologia de seqüenciamento de genomas, desenvolvida no Brasil pelo grupo do pesquisador Andrew Simpson, do Instituto Ludwig, e batizada Orestes, do inglês Open Reading Frames ESTs (Expressed Sequence Tags). Essa tecnologia permite localizar com mais rapidez e eficiência as seqüências das regiões centrais dos genes, que detêm as principais informações. "Isso é extremamente importante, pois estaremos seqüenciando apenas a parte altamente informativa do genoma", diz Valentini, da FCF, de Araraquara.

Em abril, teve início um novo projeto: o Genoma Cana-de-Açúcar, que, para conhecer melhor o vegetal, busca, inicialmente, entender por que ele é doce. Para isso, será necessário seqüenciar cerca de 50 mil genes, com a mesma tecnologia usada no Projeto Genoma Humano do Câncer, num investimento de cerca de US\$ 8 milhões, que conta com o apoio da Cooperativa dos Produtores de Açúcar e Alcool do Estado de São Paulo (Copersucar). "A idéia é descobrir os genes responsáveis pelo metabolismo da sacarose, o açúcar da cana, e outros que levam a planta a ter resistência a doenças e a condições adversas de clima e solo", diz o biólogo Manoel Victor Franco Lemos, do Departamento de Biologia Aplicada à Agropecuária da FCAV, câmpus de Jaboticabal, coordenador de um laboratório de seqüenciamento do programa.

O Projeto Genoma Cana está profundamente enraizado na economia nacional, já que o Brasil é o maior produtor mundial de cana-de-açúcar, sendo responsável por 25% da produção mundial, da qual 60% saem do Estado de São Paulo, cuja agroindústria de cana movimenta R\$ 8 bilhões por ano e gera 600 mil empregos diretos. "Com a ajuda dos novos métodos de análise molecular, haverá um crescente interesse na aplicação prática das informações que este projeto de seqüenciamento irá gerar", afirma Manoel Victor. "Ser escolhido para participar desse Genoma significa a aquisição, com verba da Fapesp, de um seqüencia-



CANA
Manoel Victor: **análise molecular**

dor de 170 mil dólares, que deixa nosso laboratório na ponta da pesquisa mundial", completa o farmacêutico-bioquímico Maurício Bacci Júnior, coordenador do laboratório selecionado do Centro de Estudos de Insetos Sociais, unidade auxiliar do Instituto de Biotecnologia da UNESP, câmpus de Rio Claro.

CONFIANÇA

O mais recente programa da Fapesp, lançado em junho, tem como ponto de partida justamente as pesquisas com a *Xylella*. Trata-se do Genoma *Xanthomonas*, bactéria causadora do cancro cítrico, praga que, somente no ano passado, causou prejuízos da ordem de US\$ 500 milhões no Estado de São Paulo. O Laboratório de Bioquímica e Biologia Molecular da FCAV da UNESP, câmpus de Jaboticabal, coordenado pelo docente Jesus Aparecido Ferro, foi escolhido pela Fapesp como um dos laboratórios centrais do projeto. "A escolha de grupos da UNESP para participar de um programa de tão alto nível evidencia a confiança da Fapesp nos nossos professores e laboratórios", avalia Eloíza Tajara da Silva, do Ibilce.

Contando com US\$ 5 milhões da Fapesp e mais US\$ 500 mil do Fundo Paulista de Defesa da Citricultura (Fundecitrus), o projeto pode ajudar a desenvolver armas químicas de precisão contra o cancro cítrico. O *Xanthomonas axonopodis pv citri* tem cerca de 4 mil genes, que precisam ser lidos e postos na ordem certa, num prazo de dois anos. "Em todos esses programas, a UNESP se beneficia pela captação de recursos, com a conseqüente melhoria dos laboratórios envolvidos", constata Valentini, da FCF.

Para Manoel Victor, da FCAV, a Fapesp está reconhecendo os esforços da UNESP na pesquisa científica. "Por isso, ao selecionar nossos laboratórios, ela também investe na melhoria da qualificação profissional de nossos professores, técnicos e alunos", avalia. Nesse sentido, a escolha de laboratórios da Universidade nos projetos Genoma é um reconhecimento ao investimento da UNESP na formação de melhores profissionais. "Mais importante que ter muitos laboratórios é constatar como o Programa Genoma permitiu a ascensão de novas lideranças na área da pesquisa molecular", conclui Landi, da Fapesp.

A UNESP nos Genomas

Os laboratórios selecionados pela Fapesp

GENOMA DA XYLELLA FASTIDIOSA

Laboratórios de Seqüenciamento: Antonio Carlos Maringoni/Eiko Eurya Kuramae-Izioka (FCA/Botucatu); Catalina Romero Lopes/Celso Luís Marino (IB/Botucatu); Eliana Lemos (FCAV/Jaboticabal); Jesus Aparecido Ferro (FCAV/Jaboticabal)

GENOMA FUNCIONAL

Eliana Lemos (FCAV/Jaboticabal)

GENOMA HUMANO DO CÂNCER

Laboratório de Bioinformática: Jesus Aparecido Ferro (FCAV/Jaboticabal)
Laboratórios de Seqüenciamento: Eloíza Helena Tajara da Silva (Ibilce/São José do Rio Preto); Maria Inês de Moura Campos Pardini (FM/Botucatu); Sandro Roberto Valentini (FCF/Araraquara); e Sílvia Regina Rogatto (FM/Botucatu).

GENOMA DA CANA-DE-AÇÚCAR

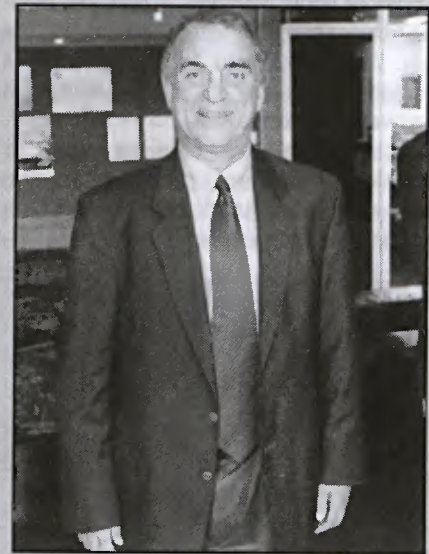
Mineração de Dados: Eiko Eurya Kuramae-Izioka (FCA/Botucatu)
Laboratórios de Seqüenciamento: Celso Luís Marino (IB/Botucatu); Eiko Eurya Kuramae-Izioka (FCA/Botucatu); Manoel Victor Franco Lemos (FCVA/Jaboticabal); Maria Inês Tiraboschi Ferro (FCAV/Jaboticabal) e Maurício Bacci Jr. (IB/Rio Claro).

GENOMA XANTHONOMAS

Laboratório Central: FCAV/Jaboticabal - Jesus Aparecido Ferro, Agda Paula Facincani, Antônio Nhani Jr., Haroldo Alves Pereira, Luiz Roberto Furlan, Maria Inês Tiraboschi Ferro e Thiago Claudino Grégio (Departamento de Tecnologia); e Marcos Macari (Departamento de Morfologia e Fisiologia Animal)

Meio ambiente inteiro

Programa reúne 200 cientistas para devassar fauna e flora de São Paulo



Perez: **paradigma para estudo da biodiversidade**



Considerado o detentor da maior diversidade biológica do planeta, por abrigar 15% a 20% do total das espécies já classificadas pela ciência, o Brasil ainda não conhece totalmente sua fauna e sua flora. Um passo para corrigir esse quadro foi dado pela Fapesp, ao lançar o programa Biota-Fapesp, o Instituto Virtual da Biodiversidade, cujo objetivo é mapear e analisar a diversidade da fauna e da flora do Estado de São Paulo, num projeto que tem um orçamento inicial de R\$ 10 milhões e integra, por meio da Internet, 200 cientistas "Ao estudar desde os microorganismos até os seres mais evoluídos, tanto no ambiente terrestre quanto no aquático, o Biota-Fapesp deve se tornar um paradigma para o estudo da biodiversidade em todo o Brasil", diz José Fernando Perez, diretor científico da Fapesp. "O objetivo é formar um banco de dados virtual, que permita a criação de políticas públicas de conservação e uso sustentável da biodiversidade do Estado."

O Instituto de Química (IQ) da UNESP, câmpus de Araraquara, é responsável por um dos projetos aprovados, intitulado "Conservação e Uso Sustentável da Diversidade Vegetal do Cerrado e da Mata Atlântica: diversidade química e prospecção de novas drogas", coordenado pela farmacêutica Vanderlan da Silva Bonzani, do Departamento de Química do IQ. "Estamos interessados no arsenal químico que as plantas produzem e que podemos utilizar como modelo para obtenção de fármacos e agrotóxicos", explica a docente.

Os pesquisadores estão selecionando as plantas que podem fornecer caminhos

para encontrar substâncias com atividades antifúngicas, antitumorais e antioxidantes. As antifúngicas são muito importantes na área da saúde, devido a doenças como a Aids, que abre as portas para fungos oportunistas", diz Vanderlan. "Além disso, o Brasil tem dificuldade em exportar cereais justamente devido à grande quantidade de fungos que se acumulam nesses produtos, principalmente devido às altas temperaturas."

ANTITUMORAL

Quanto à importância das substâncias antitumorais, basta lembrar que os compostos mais ativos obtidos para o tratamento quimioterápico do câncer são de origem natural. "Como são extremamente complexos e é difícil obtê-los por um processo de síntese, a natureza ainda é o melhor laboratório, pois produz essas substâncias", afirma Vanderlan, que coordena o Núcleo de Bioensaios, Biossíntese e Ecofisiologia de Produtos Naturais (Nubbe), no IQ.

As substâncias antioxidantes são o objeto de estudo da engenheira química Dulce Helena Siqueira, do IQ. "Elas são importantes, porque evitam envelhecimento precoce e retardam uma série de processos de morte celular", diz a docente, uma das participantes do projeto, que conta com mais de 25 pessoas, entre docentes e alunos de pós-graduação do IQ-UNESP, IQ-USP e do Instituto de Botânica da Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo. O projeto, que recebeu uma verba de R\$ 530 mil, para quatro anos de pesquisa, é fruto de um trabalho que Vanderlan desenvolve há dez anos com plantas de cerrado. "Ao ser aceito pelo Projeto Biota, ele ganha uma inegável posição de destaque no cenário nacional e internacional", conclui Vanderlan.



ESCOLHA
Maurício: **laboratório na ponta da pesquisa mundial**

VESTIBULAR

Oportunidades, agora, são maiores

Exames oferecem 172 novas vagas, priorizando o período noturno

O Vestibular 2000 da UNESP começa, oficialmente, no dia 20 de setembro de 1999. Desta data até o dia 8 de outubro, os candidatos poderão adquirir o *Manual do Candidato* nas agências do Banespa (R\$ 10,00) e fazer a inscrição (R\$ 55,00) em postos predeterminados espalhados pela capital e interior do Estado. As provas serão realizadas em dezembro (veja calendário no quadro ao lado), e a divulgação das listas dos convocados e a realização das matrículas, em fevereiro e março.

De modo geral, os exames não sofrerão mudanças substanciais em relação aos realizados no ano passado. Continuam, por exemplo, a fase única e a ausência de listas de obras literárias. A principal novidade fica por conta do aumento do número de vagas. Desta vez, serão 5.085 vagas, 172 a mais que no vestibular anterior. A maioria das novas vagas oferecidas está no período noturno. Destacam-se, neste caso, os cursos de Odontologia e de Farmácia-Bioquímica, ambos no câmpus de Araraquara, e Engenharia Mecânica, no câmpus de Guaratinguetá, to-



AGENDA
Ribeiro: divulgação conjunta de calendário



Fotos: Hélio Toth

CALENDÁRIO VUNESP 2000

20/9 a 8/10	Venda dos <i>Manuais do Candidato</i> e inscrições
9 e 10/11	Recebimento do cartão de convocação pelo correio
11 e 12/11	Comparecimento ao Posto de Inscrição para correção de dados pessoais
7 a 12/12	Provas específicas de habilidades e aptidão
19/12	Prova de Conhecimentos Gerais
20/12	Prova de Conhecimentos Específicos
21/12	Prova de Língua Portuguesa
4, 7, 8 e 9/2/2000	Primeira chamada, matrícula e lista de espera
19, 21 e 22/2/2000	Segunda chamada, matrícula e lista de espera
1/3/2000	Relação adicional
13 e 14/3/2000	Confirmação obrigatória de matrícula
16/3/2000	Vagas remanescentes

dos com 30 vagas. As outras novas vagas distribuem-se por 10 cursos.

Permanece também, pelo quarto ano consecutivo, o acordo com a Secretaria de Estado da Educação, que isenta das taxas de aquisição do *Manual do Candidato* e de inscrição um aluno de cada classe do último ano do ensino médio. A única condição é que ele opte por um curso de licenciatura, aquele que forma professores. "Os dois melhores candidatos classificados em cada área do conheci-

mento, ou seja, Exatas, Humanidades e Biológicas, receberão, ainda, uma bolsa de um salário mínimo mensal durante todo o curso", acrescenta o professor José Ribeiro Júnior, diretor presidente da Vunesp.

A divulgação do calendário do vestibular da UNESP é conjunta com os da USP e Unicamp. O objetivo, de acordo com as direções dos respectivos vestibulares, é facilitar a programação dos candidatos para concorrerem a uma das vagas oferecidas pelas três instituições. O perí-

odo de matrículas também terá início simultâneo, facilitando a escolha do candidato aprovado. "Assim, evitamos que um candidato se matricule em mais de um curso, prejudicando outros vestibulandos e a própria ordenação nas unidades," afirma o professor Ribeiro Júnior.

Para facilitar o acesso às informações, a UNESP mantém todas as datas no endereço eletrônico www.unesp.br/vestibular. Outras informações pelo Disque VUNESP (0xx11) 3874-6300.

PUBLICAÇÃO

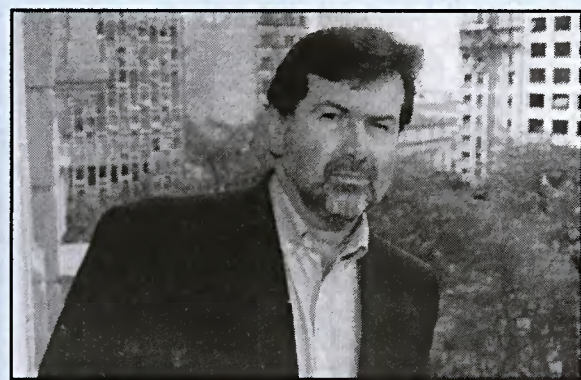
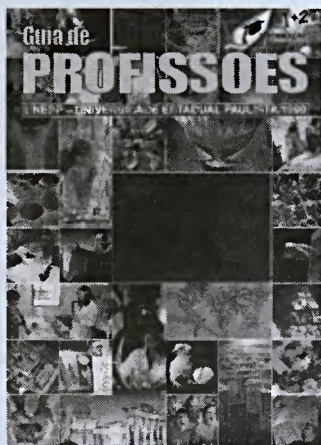
Uma "bússola" para o candidato

Lançada oitava edição do *Guia de Profissões*, com o perfil de 48 carreiras

N um mundo marcado por rápidas transformações e por uma competitividade profissional sem precedentes, escolher uma profissão é das decisões mais importantes na vida de uma pessoa. Não bastassem tais dificuldades, esse momento crucial se dá, geralmente, durante a adolescência, fase em que os jovens, invariavelmente, se vêem às voltas com dúvidas e conflitos de toda a sorte. Para tornar menos confusa e sofrida esta escolha, a UNESP está lançando a oitava edição do *Guia de Profissões*. Em forma de revista, destaca o perfil de 48 profissões cujos cursos são

oferecidos pela Universidade, incluindo explicações sobre o funcionamento do curso em cada unidade universitária e depoimentos de ex-alunos.

Patrocinado pela Fundação para o Vestibular da UNESP (Vunesp), com apoio do Banespa, o *Guia* foi produzido pela Assessoria de Comunicação e Imprensa (ACI). Além das carreiras, a publicação contempla outros assuntos de interesse do vestibulando, como as atuais exigências do mercado de trabalho e o funcionamento do vestibular da UNESP. O *Guia* traz ainda um detalhado perfil da Universidade. "É um importante instrumento de ori-



Hélio Toth

ORIENTAÇÃO
Prado, da Vunesp: *Guia* divulga Universidade

entação ao vestibulando e de divulgação de uma universidade pública", considera José Ribeiro Júnior, diretor presidente da Vunesp. Um encarte traz informações sobre o próximo vestibular, com endereços de postos de venda do *Manual do Candidato* e de inscrições, o calendário das provas e matrículas.

Em 120 páginas, o *Guia de Profissões* foi produzido em quatro cores, e tem tiragem de 300 mil exemplares. Está sendo distribuído gratuitamente nas escolas públicas do Estado e nos cursinhos pré-vestibulares. Servirá também de material de apoio ao trabalho de divulgação da Universidade que a Vunesp

faz anualmente. "Preparamos uma equipe de 86 professores da UNESP, sob a coordenação dos professores Edmundo José De Lucca e Osmar Malaspina, que visitarão 455 escolas do ensino médio do Interior e da Grande São Paulo", explica Fernando Dagnoni Prado, diretor acadêmico da Vunesp. "Cerca de 120 mil estudantes das últimas séries dessas escolas receberão o *Guia de Profissões* e folhetos da UNESP e assistirão a um vídeo sobre o vestibular.

O *Guia* pode ser solicitado pelo Disque VUNESP, tel. (0xx11) 3874-6300.

DIVULGAÇÃO

Encurtando distâncias

Vídeo "aproxima" os 15 câmpus que compõem a Universidade

E mbora distribuídas por 15 cidades do Estado de São Paulo, as 18 faculdades e 6 institutos que compõem a UNESP podem ser "percorridos" em apenas 26 minutos. A "viagem" pelos câmpus da Universidade é viabilizada em novo vídeo institucional, lançado no último mês de julho. Realizado pela Assessoria de Comunicação e Imprensa (ACI), com patrocínio do Banco Real e apoio da Fundação para o Vestibular da UNESP (Vunesp), o filme ilustra as atividades de ensino, pesquisa e extensão universitária desenvolvidas nos 15 câmpus da Universidade. "Devido à sua característica multicâmpus, é difícil conhecer a UNESP em detalhes", explica José Roberto Ferreira, assessor chefe da ACI. "O vídeo ajuda a resolver este problema."

Em relação às edições anteriores, esta nova versão traz algumas novidades. Ele é



todo feito em forma de telejornal, mostrado pelos apresentadores de tevê Ângelo Vizarro e Valéria Grilo. Outra inovação é a inserção de intervalos ao longo do documentário. Como se fossem anúncios, mostram órgãos que dão importante suporte às atividades da Universidade, como as fundações centrais Fundunesp, Editora UNESP e Vunesp.

O vídeo está sendo distribuído em todas as unidades da UNESP, na Reitoria, em universidades e escolas públicas, órgãos de imprensa, secretarias de Estado e outras instituições públicas e privadas. O trabalho conta com uma versão legendada em inglês e, por isso, é considerado um importante material de divulgação da Universidade também no Exterior.

Os interessados podem solicitar cópias do vídeo institucional da UNESP pelos telefones (0xx11) 252-0323 e 252-0324.

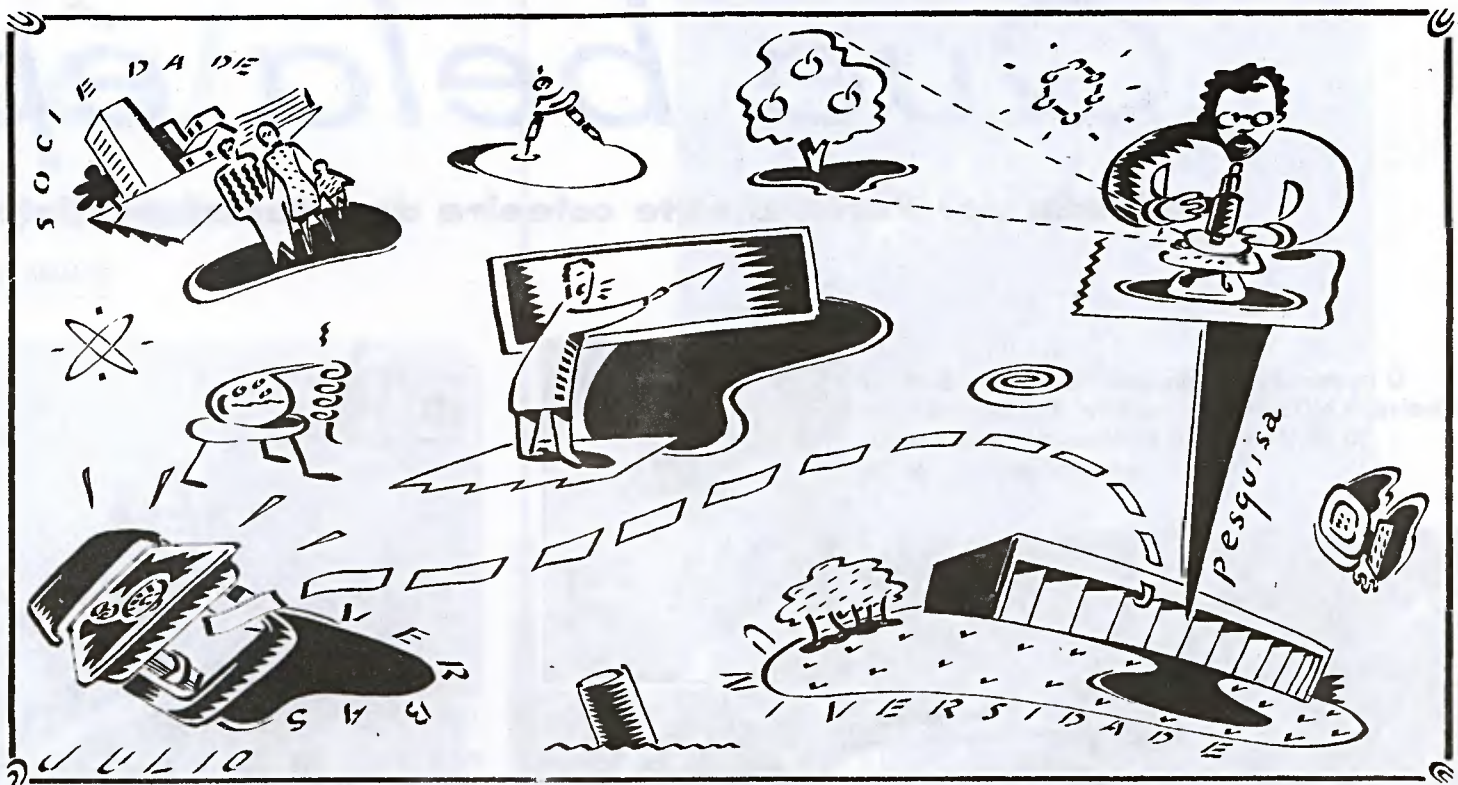


No princípio, era o ensino. Quando surgiu, há dez séculos, a universidade era uma instituição constituída fundamentalmente de mestres e discípulos. Apenas em 1840 surgiram as primeiras iniciativas, principalmente na Alemanha, de se introduzir ali a atividade de pesquisa. A virada para o século XX assistiu aos primeiros clamores, vindos de dentro e de fora dos muros milenares, reivindicando que os conhecimentos produzidos pela academia deveriam ser estendidos à sociedade que, em última análise, a mantinha. Depois de sofrer toda a sorte de incompreensões, a extensão universitária conquistou, agora, às vésperas de um novo milênio, a sua maioridade. "Os debates e questionamentos envolvendo a atividade extensionista resultaram na criação, em 1984, do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras", diz o pró-reitor de Extensão da UNESP, geneticista Edmundo José De Lucca. "Como resultado, temos, finalmente, uma idéia muito clara, e cada dia mais difundida, de que a extensão universitária é uma atividade que deve relacionar-se, intensa e incessantemente, com a pesquisa e o ensino".

Para sedimentar esta nova visão do que deva ser a extensão e para criar um ambiente adequado para debater novas questões que se imponham, a Pró-Reitoria de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários da UNESP estará promovendo, entre os próximos dias 4 e 7 de outubro, em São Pedro, interior do Estado, o 1º Congresso de Extensão Universitária da UNESP. O evento, que contará com grupos de trabalhos, de temáticas específicas, e com a participação de conferencistas de renome, deverá gravitar em torno de um documento redigido, em 1998, pelo Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão. "Este documento é fundamental, tanto que o chamamos de 'Universidade Cidadã'", explica De Lucca (leia entrevista nesta página).

PROGRAMA PRELIMINAR

Na abertura do evento, às 20h30 do dia 4 de outubro, segunda-feira, Cristóvão Buarque, ex-reitor da Universidade Nacional de Brasília, UNB, e ex-governador do Distrito Federal proferirá a conferência *Uma idéia de universidade, hoje*. Na terça, 5, pela manhã,



A extensão, de cara nova

Congresso sedimenta nova visão da atividade extensionista e reflete sobre seu papel na integração das ações universitárias

serão iniciadas as mesas-redondas. A primeira delas, *A Extensão no Contexto Universitário Brasileiro*, reúne Roberto Gurgel, da Universidade Federal do Maranhão, Maria das Graças Medeiros Tavares, da Universidade Federal de Alagoas, e Silvio Botomé, da Universidade Federal de Santa Catarina. "Essa mesa-redonda vai deixar claro, logo de início, o que entendemos por extensão", afirma De Lucca. "Considerado a maior autoridade, na área, do Brasil, Gurgel dará uma visão histórica da extensão, dos primórdios aos nossos dias. Maria das Graças fará um relato sobre as contradições da prática extensionista no País. E Botomé tratará de questões relativas ao

futuro da extensão."

Seguem-se as mesas-redondas *Mecanismos de Cooperação Interinstitucional*, com as participações de, Carlos Vogt (Unicamp), Evandro José Lemos da Cunha (UFMG) e Francisco Bernardino Trancredi (Fundação Kellogg), com coordenação de Luiz Roberto de Toledo Ramalho (vice-reitor da UNESP); e *Propostas para tornar mais forte a relação Universidade-Sociedade*, com Jacques Marcovitch (reitor da USP), Hélio Egydio Nogueira (Unifesp) e José Rubens Rebelatto (reitor da UFSCAR), com coordenação de Antonio Manoel dos Santos Silva (reitor da UNESP).

Ainda que tenha, como público-alvo, profissionais da UNESP envolvidos na execução de projetos de extensão, o congresso abre a possibilidade de participação de representantes de outras instituições. As inscrições podem ser feitas até o dia 31 de agosto. O valor da taxa de inscrição – que inclui anais e materiais do evento – é de R\$ 30,00, para professores da UNESP, e de R\$ 150,00 para docentes de outras universidades. As fichas de inscrição devem ser retiradas aos vice-diretores das unidades (para quem for da UNESP) ou na *home page* www.unesp.br. Outras informações, pelos telefones (0xx11) 252-0568 e 252-0268.

ENTREVISTA

"Não pode existir elo frágil na universidade"

Para o pró-reitor de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários da UNESP, geneticista Edmundo José De Lucca, ensino, pesquisa e extensão são indissociáveis

Jornal da UNESP – Quais os objetivos desse 1º Congresso de Extensão Universitária promovido pela UNESP?

Edmundo José De Lucca – Fundamentalmente, que se promova uma ampla discussão no que diz respeito à interação entre universidade e sociedade. Objetivamos melhorar essa relação, tendo a universidade a responsabilidade de cumprir com o seu papel social. Minha experiência indica que uma das maiores dificuldades que se enfrentará, nesse sentido, é a disseminação de um entendimento correto do que seja a extensão universitária. Muitos a vêem apenas como prestação de serviços, outros acham que a extensão deve tratar tão somente da disseminação do conhecimento produzido dentro da universidade. São ambas formas incompletas de entendimento.

Jornal da UNESP – Qual seria, então, a verdadeira função da extensão?

De Lucca – A atividade extensionista deve lidar com os problemas que são colocados pela sociedade e com a aplicação de conhecimentos gerados na universidade para evitar que determinadas situações se tornem problemáticas, é verdade. Mas, se entendermos a extensão como uma das atividades fim da universidade e toda e qualquer ação extensionista se refletindo no ensino e na pesquisa, é possível chegarmos a uma compreensão mais justa da indissociabilidade das atividades acadêmicas, com a valorização do trabalho dedicado à extensão.

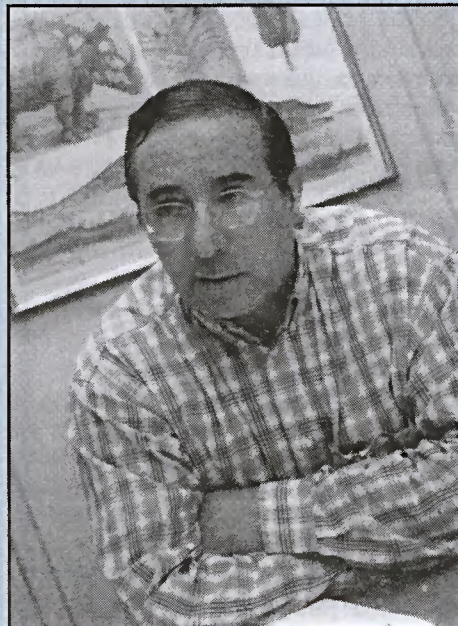
Jornal da UNESP – A incompreensão dessa indissociabilidade é restrita a algum segmento ou é genérica?

De Lucca – Infelizmente, é comum entre docentes, alunos e funcionários. Alguns destes chegam a se referir à extensão como "o elo frágil da universidade". Se assim é entendida, é porque as universidades ainda se defrontam com o desafio de estabelecer e implementar políticas extensionistas de forte conteúdo acadêmico, com prioridades definidas e sentido de longo prazo. E, de obter financiamento para as mesmas, respeitada a autonomia universitária. Porém, não pode existir elo frágil na universidade.

Jornal da UNESP – A que o senhor atribui o fato de a extensão, nessa tríade com o ensino e a pesquisa, gozar de tão pouco prestígio?

De Lucca – A história da universidade é muito instrutiva, a respeito. A universidade é milenar e nasce como instituição de ensino, com mestres e discípulos. Essa estrutura veio até 1840, quando surgiram as primeiras atividades de pesquisa. A extensão surge apenas neste século, com a visão de que a universidade deve estender o conhecimento à comunidade. No Brasil, até 1960, foi assim. Só a partir daí é que começam as discussões, os questionamentos, que culminam, em 1984, com a criação do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. O resultado é uma idéia muito clara de que extensão universitária é atividade que deve interagir com pesquisa e ensino.

Jornal da UNESP – Como se afere a satisfação ou a insatisfação da sociedade para com os



De Lucca: no caminho certo

rumos da universidade?

De Lucca – A forma mais exacerbada desse julgamento é o não devido reconhecimento que a universidade tem junto à sociedade. Se houvesse uma conexão universidade-sociedade mais forte, nós não precisaríamos, por exemplo, nos bater tanto por recursos.

Jornal da UNESP – Como o congresso contempla essa visão que se pretende da extensão?

De Lucca – Os trabalhos do Fórum de Pró-Reitores de Extensão culminaram, em 1998, com a redação de um documento que é o eixo ao redor do qual gravita toda a concepção de extensão universitária no Brasil. Esse documento, denominado "Universidade Cidadã", é importantíssimo. Ali estão relacionadas as nove áreas temáticas a que a universidade deveria se remeter. Nós, da UNESP, adotamos integralmente o documento e centramos nele as atenções do congresso.

Jornal da UNESP – Quais são essas áreas?

De Lucca – As que contemplam a saúde, o meio ambiente, a cultura, a atenção especial à criança, ao idoso e ao adolescente, a transferência de tecnologias, a reforma agrária e o trabalho rural, a relação da universidade com o mundo do trabalho, a inovação tecnológica e sua disseminação e a cidadania e os direitos humanos.

Jornal da UNESP – Há vislumbre de luzes no final desse túnel?

De Lucca – Estamos no caminho certo. Já sentimos, hoje, uma diferença significativa por parte de um número expressivo de docentes na maneira como vêm a extensão. Até o início do ano 2001, quando vence meu mandato de pró-reitor, quero contribuir para que a cara da extensão na UNESP seja outra. Estou muito confiante que assim será, menos por mérito pessoal e mais pela disposição de luta que toda a comunidade unespiana tem demonstrado neste sentido.



Que bela época, aquela!

Fascinada por Paris, a elite cafeeira do interior paulista cria, em plena virada do século, uma *belle époque* caipira

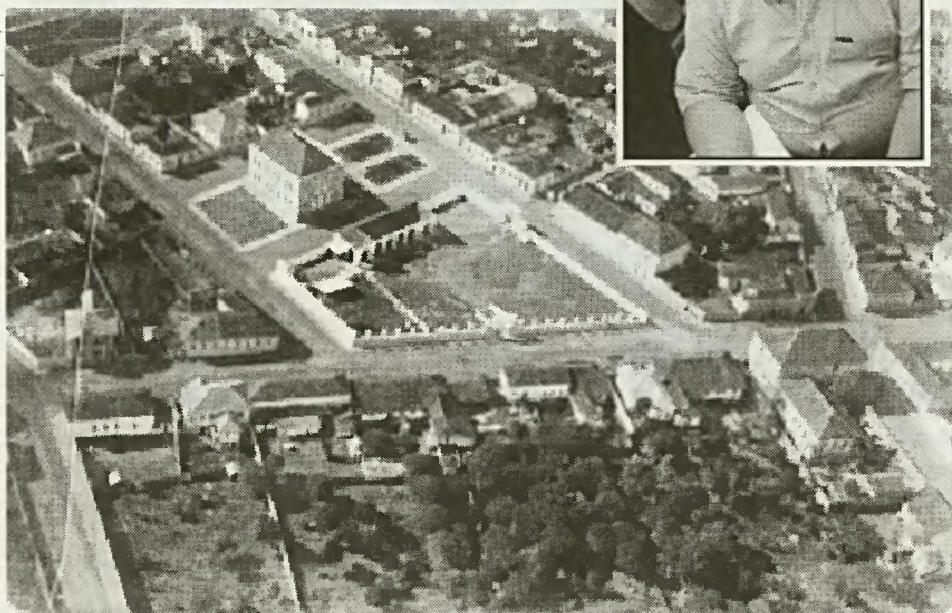
EVANILDO DA SILVEIRA

OPULÊNCIA

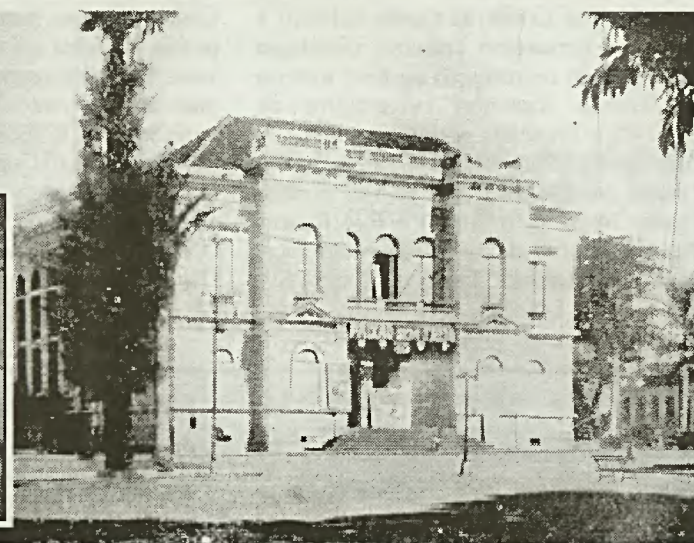
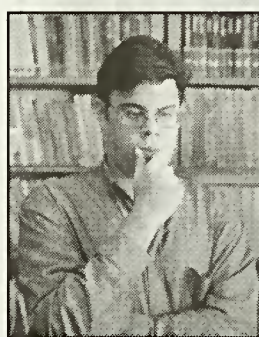
O coordenador Doin, os bulevares de Botofogo (oboixo) e o Quarteirão Paulista, de Ribeirão Preto (ô dir.): conceitos estéticos do *belle époque* redesenhando o interior



Foto: Helio Toth



ELITE
Pozioni e o Theatro Carlos Gomes: o segundo moir do Pois



Para muita gente, o interior, no sentido de região contraposta às capitais, foi sempre o lugar do atraso, hábitat de caipiras e jecas, onde a modernidade passava ao largo. Nada mais falso. Pelo menos em alguns períodos, o interior, particularmente do Estado de São Paulo, se antecipou e chegou a ser mais moderno do que sua capital. Esta antecipação está toda documentada em um volumoso dossiê reunido por uma equipe de 10 pesquisadores da Faculdade de História, Direito e Serviço Social da UNESP, câmpus de Franca. O trabalho, coordenado por José Evaldo de Mello Doin, consumiu quatro anos das atenções dos historiadores. As pesquisas destrincharam um período batizado de *belle époque caipira* — que coincide com o da República Velha (1889-1930) — e resultou no livro, ainda em fase de conclusão e de procura de uma editora, *No tempo das cidades: aventuras e desventuras da modernidade*.

País (superado apenas pelo Teatro Amazonas, de Manaus), construído com recursos de Francisco Schimidt, o então mais rico proprietário de café do mundo. O Theatro Carlos Gomes, já demolido, foi inaugurado em 15 de novembro daquele ano, com a ópera *O Guarani*. “Uma obra pitoresca, que realçava o caráter urbano e modernizador da elite ribeirão-pretana, voltada à produção de café”, explica Rodrigo Ribeiro Paziani, autor do ensaio *Francisco Schimidt & Joaquim Macedo Bittencourt: os moços do botafogo caipira e a haussmannização de Ribeirão Preto durante a Belle Époque (1895-1917)*, que integra o livro. “À época, a atividade econômica rural produzia e desenvolvia cidades.”

BRILHO DE PARIS

Esse é um dos paradoxos — o rural desenvolvendo o urbano — que Doin analisa em seu ensaio, também presente no livro, *Lições de ambigüidade: Evocações de Haussmann nas cidades do interior paulista na República Velha*. De acordo com o historiador, desde o final do Império, os frutos da riqueza impeliem as elites urbanas para uma reinterpretação dos seus espaços. Sob a influência de contatos cada vez mais frequentes com o mundo urbano e industrial europeu, embasacavam-se com o brilho e a agitação de suas metrópoles, principalmente da capital do século XIX, a Paris demolida e reinventada pelo barão Georges-Eugène Haussmann (1809-1891), durante o reinado de Napoleão III (1852-1870) (*leia quadro*).

Em suas dissertações e teses, que serviram de escopo para o livro, os historiadores da UNESP demonstram a apropriação — eles abominam o

termo *cópia* — que a elite interiorana, com as burras cheias pelos lucros da cultura do café, fez dos conceitos estéticos do barão Haussmann. “As reformas parisienses se inserem em representações das contradições da ilustração”, explica Doin. “Para Haussmann, régua e compasso, e não picaretas e pás, são os instrumentos cirúrgicos de correção daquele universo caótico e doente de becos e ruelas de origem e evocação medieval.”

Por isso, de acordo com Doin, as demolições de Paris, e sua reconstrução, sob o tacão da prancheta de Haussmann, tinham, entre outras coisas, um caráter profilático e estético. Atitude que foi apropriada — o grupo de pesquisadores da UNESP detesta também que se diga que *influenciaram* — pela endinheirada elite brasileira, em sua ânsia de ser aceita e reconhecida como “civilizada”. “Cá nos Trópicos não foi muito diferente”, explica Doin. “A ideologia da higiene e a compulsão para apagar a memória do período Colonial inspiraram as ações de intervenção e os *botafogos* que, desde o último quartel do século 19, redesenhavam o traçado titubeante e impreciso de nossas aglomerações urbanas, com seu casarão barroco feito de taipa, acuaço pelo desenfreado crescimento populacional do fim do século.”

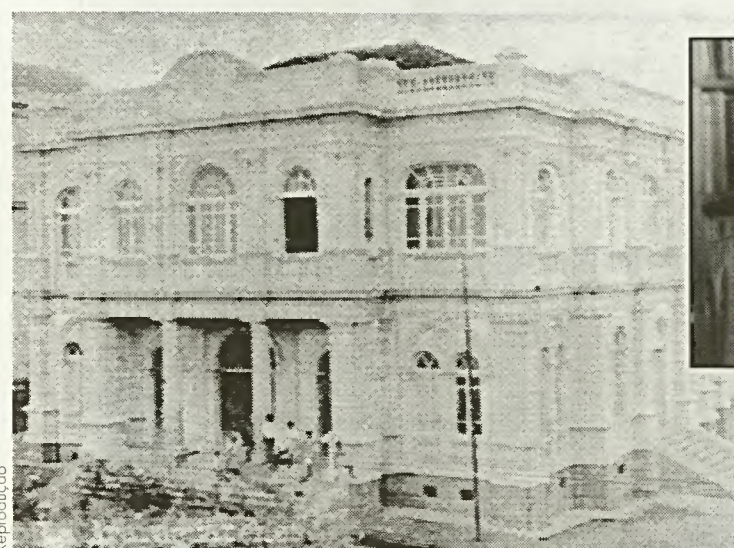
BARBÁRIE E CIVILIZAÇÃO

Assim, não é de estranhar que as ficas cidades cafeeiras do interior paulista, como Ribeirão Preto, Araraquara, Franca e Batatais, não tenham ficado imunes à verdadeira revolução urbana pela qual passou o País. Elas realizaram seus *botafogos* e suas intervenções saneadoras, no entanto, *apropriando-se*, na medida de

suas possibilidades, dos conceitos estéticos que Haussmann usou no redesenho da capital francesa: linhas retas, ruas terminando num ponto de mira (um prédio ou uma praça, por exemplo) e quarteirões — se é que isso é possível — triangulares. Tudo visto como sinônimo de modernidade e civilização. Jecas? A equipe demonstra, no dossiê, que, nessas cidades, o desenvolvimento urbano traduziu-se na arquitetura das casas, na pavimentação das ruas, na política de instalação de serviços públicos indispensáveis ao conforto e à vida para um conjunto maior de pessoas. “A mudança dos costumes foi a característica principal da *belle époque*”, complementa a historiadora Veruschka de Sales de Azevedo, autora do ensaio, também inserido no livro, *Entre o palco e a plateia: em cena a Belle Époque em Franca e o Theatro Santa Clara*. “Foi um período de efervescência política, cultural e comercial, de novidades, desenraizamento, conflitos, barbárie e civilização.”

No texto, Veruschka analisa a modernização e a urbanização em Franca, com ênfase nos aspectos cultural e artístico. O Theatro Santa Clara foi um dos ícones desse processo. “Utilizado como alegoria, permitiu estabelecer a ligação entre o movimento histórico da época com os ideais de modernidade e de ‘progresso’ que eram alardeados pela cidade”, revela. “O Theatro Santa Clara foi fundado em 1874, na ascensão da economia do café, quando o centro urbano reunia uma parcela considerável da elite.”

Outros prédios e palácios foram construídos em várias cidades do interior paulista, muitos dos quais para servir de sede de prefeituras ou de



COSTUMES
Veruschko e o Clube Aroroquarense: civilização e borbórie



MODERNIDADE
Cludio e os jardins geométricos do Fozendo Monte Alegre, de Schimidt: de olho no Bois de Boulogne



câmaras municipais. Muitas dessas construções têm um modelo comum: o Hôtel-de-Ville — de Paris, é claro. Segundo Doin, “são ecos das luzes haussmannianas, que correram léguas nos leitos das marias-fumaças, levando modelos de modernidade” pelo interior paulista a fora.

CRENÇA NO PROGRESSO

Exemplos dessas construções não faltam. Pode-se citar o Clube Aroroquarense, construído na década de 20. Segundo Cláudia Regina Vargas, outra historiadora da equipe, o equilíbrio alcançado nessa construção de cunho neorenascentista atesta o anseio de seus projetistas e realizadores de erigir um símbolo que corporificasse, como representação, a pujança da cidade, sua crença no “progresso” e sua convicção na busca da “modernidade” tão avidamente pretendida. “Com a construção do Clube Aroroquarense, a *belle époque caipira* exibia sua opulência e seus saberes”, conclui Cláudia, autora do ensaio *A cidade do desejo: Bento de Abreu e os descaminhos da modernidade urbana na aventura republicana*, outro a recheiar as páginas do livro que os pesquisadores da UNESP estão finalizando.

Além dos prédios, ruas e praças, havia outros exemplos, no interior paulista, da apropriação dos conceitos estéticos de Haussmann, que também se estendiam para o campo. É o caso dos geométricos jardins da Fazenda Monte Alegre, do coronel Francisco Schimidt. “É um exemplo da geometrização dos jardins *haussmannianos*”, explica Doin. “Que, por sua vez, são frutos de uma concepção racionalista da submissão da natureza ao homem e se expressava nos bulevares,

o Bois de Boulogne, em Paris, ou nos jardins de Paul Villon, em Botafogo, no Rio de Janeiro.”

Conclui-se, assim, que, durante a *belle époque caipira*, civilizar significava higienizar, recortar, demolir, extirpar numa sanha bárbara e intensa. “Os homens da saúde e da higiene ocupavam espaços na política, firmando cada vez mais o seu poder”, atesta Doin. “Apoiados nos modelos europeus, haussmannianos de perfil metropolitano, encantados com o *embellezamento* de Paris, reinterpretavam a geometria de suas avenidas, impondo o gueto dos mortos e a periferia aos empastados, verdadeiros responsáveis pelas epidemias — marca do atraso e da vergonha daqueles pedaços de Europa dentro do Brasil — que, segundo os doutos homens de ciência, não tinham mais o direito de transformar nossas formosas cidades em povoados semelhantes aos africanos.”

Mais do que mera curiosidade histórica, a importância do trabalho dos pesquisadores da UNESP está no fato de lançar luz sobre um território até hoje negligenciado pela historiografia oficial. Pesquisas sobre a influência das reformas realizadas em Paris pelo barão Haussmann nas grandes cidades brasileiras da época não faltam. Todo mundo conhece as reformas de Pereira Passos e Rodrigues Alves, no Rio de Janeiro, para citar apenas um exemplo. Poucos historiadores, no entanto, acharam que valia a pena pesquisar a influência da *belle époque* em Araraquara, Ribeirão Preto ou Franca. A investigação dos historiadores da UNESP e o cartapácio dela resultante demonstram que esses poucos estavam certos. Preencheu-se uma lacuna na historiografia brasileira.



Cartaz para o papa Clemente de Victor Sardou, por A. Michel (1860-1939)

Brilho intenso e fugaz

O último suspiro da aristocracia francesa

As reformas empreendidas pelo barão Georges-Eugène Haussmann, que mudaram a face de Paris, ocorreram durante o Segundo Império (1852-1870), no reinado de Luís Napoleão Bonaparte, Napoleão III, sobrinho-neto de Napoleão Bonaparte. A cidade viveu, então, sua fase de maior desenvolvimento. Prefeito do Sena, à época, Haussmann demoliu praticamente toda a cidade, para reconstruí-la em seguida. Dividiu Paris em vinte *arrondissements* (distritos), erigindo pontes, praças, jardins, estações de trem e os famosos e amplos *boulevards*.

Nada menos que 30 mil casas medievais foram demolidas, para ceder lugar às elegantes fachadas alinhadas que hoje embelezam as ruas da capital francesa. São desse tempo também o *Opera Garnier* (1861), o *Les Halles*, os *Egouts* (Esgotos), o *Bois de Boulogne* e o *Bois de Vincenne*. Vivia-se a *belle époque*

parisiense em todo o seu esplendor, e pelas calçadas da Cidade-Luz flanavam artistas e intelectuais como Toulouse-Lautrec, Marcel Proust e Sara Bernhardt. Também viveu em Paris, nessa época, o cartazista checo Alphonse Mucha, que ajudou a tornar popular a *Art Nouveau*, movimento estético da *belle époque*. Seu cartaz feito para o drama *Gismonda*, de Victor Sardou, encenado no Teatro de la Renaissance, no qual ele retrata a diva Sara Bernhardt, é uma das imagens mais conhecidas da época.

O brilho da *Art Nouveau*, no entanto, foi efêmero. Movimento essencialmente esteticista, que refletia a satisfação da sociedade aristocrática da *belle époque*, durou pouco mais de vinte anos. O período marcou também o último suspiro dessa aristocracia, que parecia pressentir a decadência. Depois das luzes da *belle époque*, o mundo iria mergulhar nas trevas da Primeira Guerra Mundial (1914-1918).

BIBLIOTECAS

Que Athena vele por nós

Deusa grega empresta nome a Banco de Dados Bibliográficos

Resgatada à antiga Grécia, a deusa Athena, do conhecimento e da sabedoria, promete um convívio próximo e intenso com a comunidade unespiana, sobretudo com aquela amante dos livros. Desde 23 de junho último, o nome dessa divindade, nascida da cabeça de Zeus, está ligado aos mais variados tipos de pesquisa bibliográfica a serem realizados pela Internet. Nessa data, em reunião realizada na abertura da sessão extraordinária do Conselho Universitário, em São Paulo, a especialista em Documentação Científica Mariângela Spotti Lopes Fujita, coordenadora da Coordenadoria Geral de Bibliotecas da UNESP, realizou uma apresentação do Athena, o Banco de Dados Bibliográficos da UNESP, que reúne informações do acervo bibliográfico da Rede de Bibliotecas da Universidade. "O sistema permite o acesso a 120 mil exemplares de livros e teses e a todos os títulos e coleções de periódicos das bibliotecas da UNESP, na Capital e no Interior", diz Mariângela.

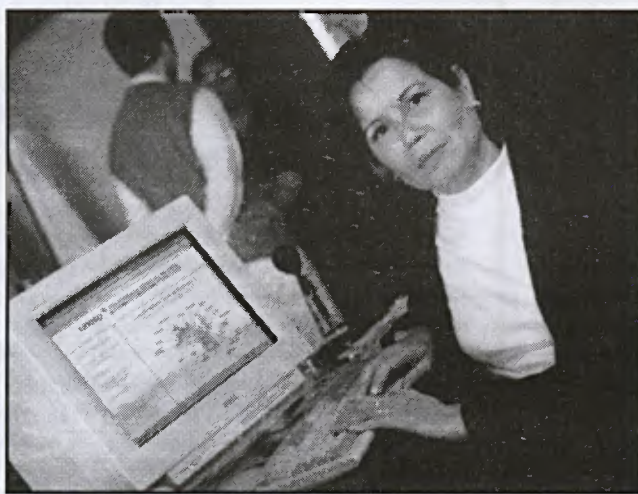
Desenvolvido a partir do Sistema Integrado de Automação de Bibliotecas Aleph, utilizado na Hebrew University of Jerusalem, em Israel, o objetivo do Athena é dar ampla visibilidade ao acervo da UNESP, facilitando a atividade didática e de pesquisa de professores e alunos. "Nosso objetivo é a aquisição de dados, sua catalogação e disseminação", diz a coordenadora, que ressaltou a importância dos R\$ 4,881 milhões que a UNESP captou junto à Fapesp para viabilizar o projeto.

PODER CRIADOR

O Athena vem sendo desenvolvido desde 1992 e, segundo o reitor Antonio Manoel dos Santos Silva, só foi concretizado graças ao esforço conjunto de pesquisadores, bibliotecários e docentes, que se envolvem com otimização dos serviços eletrônicos devido a sua vocação para a docência e a pesquisa. "O nome Athena foi escolhido após intensa consulta. Tomara que seu poder criador e transformador vele por nossa rede de bibliotecas", disse.

A pesquisa no Athena pode ser realizada por título, autor, assunto, evento ou lugar de publicação. "Há ainda a possibilidade de utilizar referências cruzadas e até a pesquisa direta, que permite a recuperação de um registro específico através de uma chave única, como número do ISBN, ISSN ou código de barras, ferramentas de grande valor para bibliotecários", diz Mariângela.

As próximas metas do Athena são tornar disponíveis para consulta materiais especiais, como slides, mapas e outros tipos de informação não convencional, e instalar um modelo de circulação para o empréstimo automatizado de obras. "Desde junho, uma base de dados central, em São Paulo, e 22 bases locais, situadas nas bibliotecas, permitem a conexão. A existência de um servidor na Capital e mais 15 outros servidores em 13 cidades do Interior tornam possível o funcionamento do sistema", diz Mariângela. "Tudo isso, que foi construído ao longo de sete anos, prova que os programas institucionais de interesse fundamental para a Universidade devem ter continuidade mesmo em gestões diferentes", conclui Antonio Manoel. O Athena pode ser acessado pelo site <http://www.cgb.unesp.br>



ACERVO
Mariângela Fujita: acesso a 120 mil livros



Athena (ou Minerva):
conhecimento e sabedoria

Museu Arqueológico de Atenas

TECNOLOGIA

Ensina-se em domicílio

Curso a distância forma primeira turma em Guaratinguetá

Odiferencial competitivo dos produtos e serviços não está mais no preço ou na qualidade, mas no conhecimento. Por isso, a tecnologia tem, hoje, um papel fundamental nas empresas. Cientes disso, 20 profissionais do Vale do Paraíba, do Interior de São Paulo e da Capital obtiveram, em junho último, seu certificado de conclusão do I Treinamento a Distância "Organização e Gestão da Inovação Tecnológica", na Faculdade de Engenharia da UNESP, câmpus de Guaratinguetá. "Realizamos um curso via Internet, em regime de tutoria", explica o matemático Ubirajara Ferreira, coordenador do Laboratório de Gestão do Departamento de Produção da FE, que promove o curso ao lado do Centro de Estudos de Pósgraduação de Administração de Empresas (Cepae), da Universidad Politécnica de Madrid.

Para Ferreira, justamente por ser ministrado a distância, o curso permite maior flexibilidade no estudo de cada tema, pois as discussões entre os alunos e os tutores são

contínuas. "Não é exigida a permanência em sala de aula, mas há uma atenção mais personalizada do professor ao treinando via e-mail", diz. "Realizei o curso nas minhas horas disponíveis, em casa, economizando o tempo de locomoção, e obtive um conhecimento além das minhas próprias expectativas", avaliou a formanda Neusa dos Santos Temperine, que reside na Capital. O curso iniciou nova turma em julho, com término previsto para novembro.

CONHECIMENTO

O engenheiro industrial Antonio Hidalgo Nuchera, do Cepae, presente aos exames finais dos alunos, realizados em Guaratinguetá, também proferiu a conferência "Gestão da Inovação Tecnológica", na sala do Conselho Universitário, na Reitoria, em São Paulo. "O conhecimento geralmente é gerado por instituições como universidades e centros de investigação que recebem financiamentos públicos. Portanto, as empresas têm a necessidade cada vez maior de

incorporar esses conhecimentos a seus processos internos", avaliou o docente espanhol, que, ao lado do engenheiro mecânico cubano Leonardo de la Rosa Marrero, pesquisador do Ministério de Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente de Cuba, participou, em Guaratinguetá, no mesmo dia da formatura da primeira turma do Treinamento a

Distância, do I Workshop Internacional da UNESP sobre Gestão da Inovação Tecnológica. "Nos meus cursos, dou uma visão europeia da inovação tecnológica e gosto de discutir quais as semelhanças e diferenças do chamado Velho Continente em relação à América Latina e, especificamente, ao Brasil", concluiu.



EM CASA
Ferreira e Nuchera: conhecimento além das expectativas

Hélio Toth



Ilo Claret

TUDO PELOS SOCIAIS

Grupo estuda o diminuto e maravilhoso mundo dos insetos sociais

Os insetos estão entre as criaturas mais antigas da Terra. Habitam o planeta há mais de 350 milhões de anos e se espalharam por desertos, selvas, fontes de água quente e geleiras, totalizando cerca de um milhão de espécies, ou seja, cinco sextos dos animais conhecidos. Nesse pequeno e maravilhoso mundo, um grupo – o dos insetos sociais, constituído por abelhas, vespas, formigas e cupins – se destaca por formar grandes famílias, as colônias, onde rainhas, operárias e soldados vivem numa luta constante contra os predadores e pela subsistência.

Um grupo de pesquisadores da UNESP, reunidos no Centro de Estudos de Insetos Sociais (Ceis), unidade auxiliar do Instituto de Biociências, câmpus de Rio Claro, há dez anos dedica sua vida ao estudo desses pequenos animais – que podem produzir mel, como as abelhas, mas que também são capazes de destruir uma plantação, como as formigas cortadeiras. “Há os insetos sociais benéficos para o meio ambiente, como as abelhas e as vespas; e aqueles que, em 5% dos casos, constituem pragas que arrasam áreas agrícolas e construções humanas, como formigas e cupins”, explica o biólogo Odair Correa Bueno, supervisor do Centro.

Criado em 1989, o Ceis conta hoje com oito pesquisadores, especialistas neste universo de dimensões liliputianas, mas de enorme importância biológica. “Basta lembrar que os insetos, como um todo, representam cerca de 75% dos animais com mais de uma célula que habitam uma floresta tropical. Desse total, os insetos sociais contribuem com mais de 50% da biomassa, com destaque para as formigas e cupins”, diz o biólogo Osmar Malaspina, primeiro supervisor do Ceis e especialista no controle de qualidade de produtos apícolas.

CERTIFICADO DE QUALIDADE

Nos 900 m² de área construída do centro, além da atividade de pesquisa para conhecer a biologia e o comportamento dos insetos sociais, é desenvolvida a prestação de serviços junto a produtores, empresários e à população em geral. “Nosso laboratório está entre os poucos do Brasil credenciados pelo Ministério da Agricultura para emitir certificados oficiais de qualidade em relação a produtos apícolas para comercialização no País e para a exportação”, informa Malaspina. O centro também disponibiliza na Internet, pelo site <http://www.rc.unesp.br/ib/ceis>, um banco de dados, chamado Formis, com mais de 20 mil referências sobre formigas. “Para se defender de predadores, algumas espécies de formigas se adaptaram a viver nos prédios urbanos, mesmo em lugares limpos e esterilizados, como hospitais, onde podem transportar bactérias patogênicas”, conta Bueno. “Por isso,

só no ano passado, prestamos orientação no controle de formigas a 37 hospitais de todo o Brasil.”

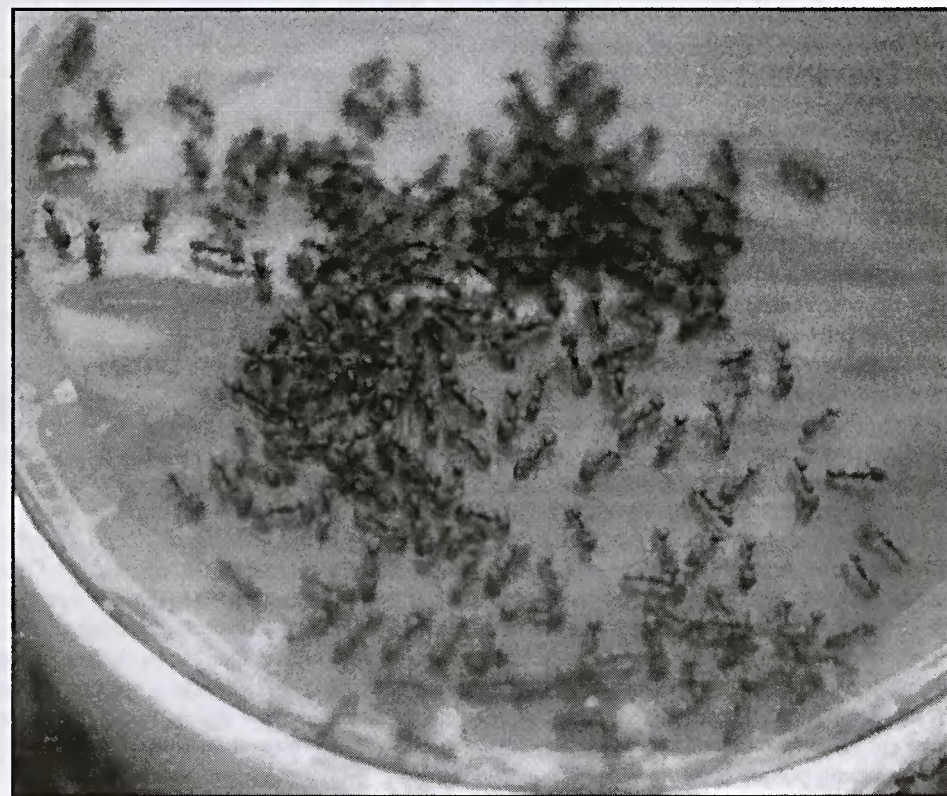
Outra atividade que vem ganhando importância no Ceis é o estudo da biologia e do comportamento de cupins, principalmente daqueles devoradores de madeira que ameaçam árvores e edifícios. “Realizamos pesquisas sobre a possibilidade de erradicar cupinzeiros com um sistema de iscas envenenadas, que o cupim leva, sem perceber, para sua rainha”, conta a bióloga Ana Maria Costa Leonardo, que estuda a morfologia, o comportamento e a manutenção de cupins em laboratório.

Além de conhecer melhor os insetos e de combater pragas com inseticidas que não afetem a biodiversidade e o meio ambiente, o Ceis realiza pesquisas de ponta na área de biologia molecular. Uma prova disso é o laboratório coordenado pelo farmacêutico-bioquímico Maurício Bacci, selecionado para participar do Projeto Genoma Fapesp da Cana-de-açúcar. “Minha experiência em biologia molecular no estudo com fungos e formigas certamente contribuiu para a escolha”, avalia o docente.

ON LINE

Outra área de ponta é a de biotecnologia, coordenada pelo químico Mario Sergio Palma, único pesquisador da UNESP proponente do Programa Brasileiro de Ecologia Molecular para o Uso Sustentável da Biodiversidade da Amazônia, o Probem/Amazônia. “Nosso objetivo é a prospecção e a utilização racional dos bens de origem biológica ainda não explorados na região amazônica”, diz.

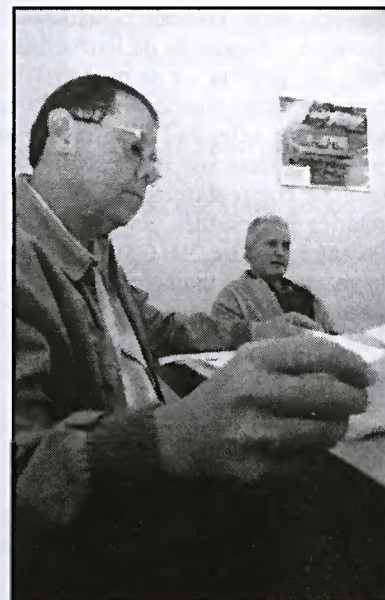
Para Bueno, as atividades do Ceis só não são maiores pela falta de mão-de-obra quali-



ficada. Para contornar o problema e melhorar o nível de formação dos recursos humanos na área de controle de pragas em ambientes urbanos, por exemplo, o centro promoverá, em agosto, o curso de especialização “Entomologia Urbana: teoria e prática”, com término previsto para junho do ano 2000. Também no segundo semestre, terá início o curso *on line* “Apicultura Básica”, que dará a possibilidade de interação constante com os professores via *e-mail*. “Se a experiência der certo, serão postos à disposição novos cursos desse

SERVIÇO

Bueno e Malaspina: certificados de qualidade para produtos apícolas. Abaixo, as formigas: invasão e infecção hospitalar



Fotos Hélio Tolh

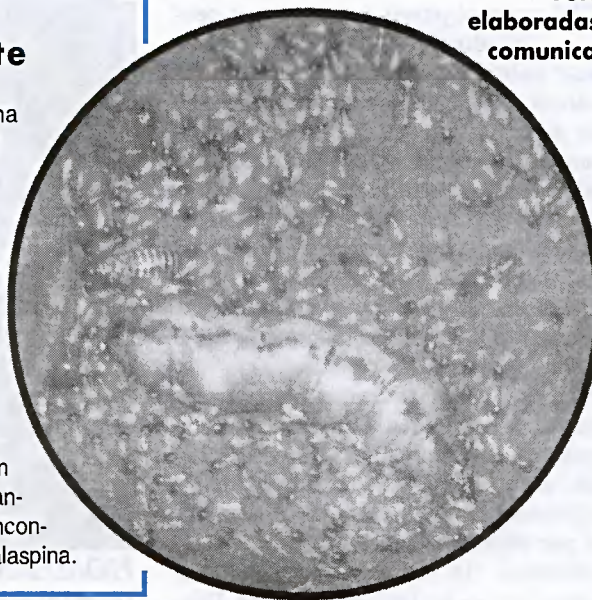
Só falta falarem

O “idioma” dos insetos, cheiroso e dançante

A palavra inseto deriva do latim *insectum*, que significa dividido por dentro. Ela descreve à exatidão esses artrópodes, que têm como principal característica o corpo formado por três regiões nítidas: cabeça, tórax, que costuma ter seis pernas e quatro asas, e abdome. Ao longo da vida, que pode durar apenas alguns dias, os insetos se reproduzem rápida e abundantemente: as rainhas de cupins, por exemplo, põem até 86 mil ovos por dia.

Nesse universo, os insetos sociais se caracterizam por construir lares elaborados, nos quais os ovos botados pelas rainhas são cuidadosamente protegidos

dos inimigos. Uma colméia, na primavera, chega a ter 80 mil operárias, um cupinzeiro pode ter mais de 2 milhões de membros e uma colônia de formigas chega a 22 milhões de integrantes. A manutenção dessas sociedades exige formas elaboradas de comunicação. “As formigas deixam rastros de odores, e as batadoras das abelhas melíferas realizam uma complexa dança, informando as companheiras onde encontrar alimentos”, diz Osmar Malaspina.



Reprodução

CUPINS
Formas elaboradas de comunicação

Cenário em ruínas

Para pesquisador, situação dos lixões não poderia ser pior

Depois de dois anos de pesquisa em vinte municípios paulistas, o engenheiro Jorge Hamada concluiu que o tratamento e a disposição do lixo urbano, no Estado, não poderia ser de pior qualidade, mesmo naquelas cidades em que há a chamada coleta seletiva. Auxiliado por uma equipe de técnicos, Hamada investigou usinas de compostagem, lixões e aterros sanitários em cidades com população variando entre 9.000 e 500.000 habitantes, além de visitar alguns municípios de outros Estados brasileiros. "As condições encontradas nas cidades paulistas refletem a situação da maioria dos municípios brasileiros", explica Hamada. "O que me leva a afirmar que a situação pode ser projetada para todo o País."

O engenheiro, professor da Faculdade de Engenharia da UNESP, câmpus de Bauru, compilou ainda dados fornecidos por prefeituras, entrevistou funcionários responsáveis pelo setor de lixo e compradores dos compostos gerados pelas usinas e coletou e analisou amostras do composto gerado. Também verificou os equipamentos utilizados na coleta e na destinação do lixo. A pesquisa serviu, finalmente, para mostrar que o problema do lixo existe não necessariamente devido à falta de recursos financeiros. "Com as verbas destinadas por muitas prefeituras ao setor, já seria possível um bom manejo dos resíduos sólidos urbanos, eliminando-se a maior parte dos danos sanitários e ambientais", assegura Hamada. "O que falta é dar ao setor a mesma importância que se dá, por exemplo, à questão dos esgotos, que até há algum tempo também era menosprezada."

Por "importância", Hamada entende a estruturação de equipes capacitadas para lidar com resíduos sólidos e a criação de um sistema educacional voltado para as questões sanitárias e ambientais. "Temos todo o conhecimento técnico necessário para uma solução economicamente viável do problema", afirma o pesquisador, que também é consultor na área ambiental para manejo de resíduos sólidos. "Até aqui, as populações não foram muito afetadas, pelo menos não diretamente, porque a coleta resolve o problema do lixo, levando-o para fora da cidade e lançando-o em locais que poucas pessoas conhecem. Mas já é possível ver montanhas de detritos por aí, acumulando-se à margem das estradas."

AMEAÇA
Lixão em Urupês: desrespeito à distância mínima de 200 metros de córregos e nascentes



Fotos arquivo do pesquisador



DESCASO
Detritos se acumulam à beira das estradas, como em Paraguaçu Paulista: sem solução à vista

METAIS PESADOS

De acordo com Hamada, o lixo coletado nas cidades tem, em geral, três destinos: usinas de compostagem, aterros sanitários ou lixões. Nos três casos, há problemas. Nas usinas de compostagem, onde o lixo orgânico (até 65% do total) deveria ser separado do material reciclável — papel, plásticos, vidro e metal — (35%), isso não acontece satisfatoriamente. "Em geral, os equipamentos das usinas e o grau de mistura do lixo são incompatíveis com a capacidade dos operários de selecionar os materiais", explica o engenheiro. "Assim, a parcela resultante para a compostagem apresenta uma grande quantidade de materiais

indesejáveis, como restos de plásticos, pedaços de metais, vidros e, muitas vezes, componentes de elevada toxicidade, como mercúrio, cromo, zinco e cádmio, os chamados metais pesados."

Impróprios para o uso, esses "compostos", se podem ser assim chamados, constituem depósitos irregulares nas usinas ou são encaminhados para um lixão. Além disso, foi observado que, na maioria das usinas, por falta de impermeabilização adequada do solo, o chorume que escorre do pátio de compostagem infiltra-se no solo ou escoou na superfície, sem controle. O estudo mostra, ainda, que na maioria das vinte cidades pesquisadas não

existem sequer projetos de aterros sanitários. "O que predomina, mesmo, são os lixões", resume Hamada. "Há uma total falta de planejamento e treinamento adequados em relação à disposição do lixo."

O local de disposição do lixo foi outro problema observado pelo pesquisador. Dos vinte municípios examinados, nove não respeitavam a distância mínima de 200 metros de córregos ou nascentes. "Há um total descompasso entre as necessidades sanitárias e ambientais e as políticas públicas adotadas", crítica Hamada. "Isso demonstra a ausência de propostas realistas que objetivem soluções definitivas para o destino dos resíduos urbanos."

EDUCAÇÃO

Para aprimorar e atualizar

Jornada debate cultura, ética e cognição

Com o objetivo de congregar pesquisadores, estudantes e, principalmente, estudiosos de diferentes áreas das ciências humanas para discutir as contribuições que seus campos do conhecimento possam dar à cultura e à educação, a Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, câmpus de Araraquara, promove, de 9 a 12 de agosto, o evento *Jornada de Educação: cognição, cultura e ética*. "A jornada pretende ser uma oportunidade interdisciplinar de estudo e de debate plural de questões educativas, entendidas no entrelaçamento da ética com a cultura e a cognição", explica a pedagoga Carlota Boto, uma de suas organizadoras.

Além disso, a *Jornada de Educação* tem por objetivo contribuir para o aprimoramento da formação pedagógica de estudantes de Pedagogia e de Pós-



HOMENAGEM
Tragtenberg: momentos cruciais

Graduação em Educação Escolar e para a atualização de professores da rede pública e de escolas particulares da região de Araraquara. "Também queremos refletir e debater tendências recentes e correntes no campo dos estudos da cognição, da cultura e da ética, em sua intersecção com a educação", acrescenta Carlota. "A jornada visa, finalmente, possibilitar aos docentes e funcionários técnico-administrativos, que atuam na área da Educação, um intercâmbio com pesquisas e projetos de atuação."

O evento será aberto às 14h30 do dia 9 de agosto, com uma sessão de homenagem ao sociólogo e educador Maurício Tragtenberg, falecido no dia 17 de novembro do ano passado. Em seguida, será exibida a gravação de uma entrevista de Tragtenberg, na qual ele dis-

corre sobre momentos cruciais de sua vida. O dia será encerrado com a conferência *Cultura e Ética*, do antropólogo Edgard de Assis Carvalho, da PUC. No dia 10, haverá duas mesas-redondas: *Cognição e Múltiplas Inteligências e Antropologia e Educação*. O mesmo ocorrerá no dia 11, com as mesas-redondas *Psicopedagogia e Problemas da Aprendizagem e Ciências Cognitivas e Cultura Digital*. No dia 12 será realizada a mesa-redonda *Desenvolvimento e Linguagem* e proferida a conferência *Pluralidade Cultural e Educação*, pela pedagoga Roseli Fischmann.

Ao longo da *Jornada de Educação*, serão realizados cinco minicursos: *Cultura e Ética, Ética na Filosofia, Literatura e Educação e A relação entre conhecimento e emoção na perspectiva psicanalítica*.

Construção de uma identidade

Obras reavaliam a história do Império e da República e o conceito imaginário de nação

OSCAR D'AMBROSIO

Este Estado não é uma nacionalidade, este País não é uma sociedade, esta gente não é um povo. Nossos homens não são cidadãos." Dessa maneira, o escritor Alberto Torres, em 1902, manifestava seu diagnóstico em relação ao Brasil. Com a proximidade das celebrações pelos 500 anos do descobrimento do País, surge um número cada vez maior de livros que, ao buscar entender as origens da nação brasileira, seus caminhos presentes e perspectivas para as próximas décadas, tendem a re-utar esse tipo de análise.

Duas obras lançadas há pouco pela Editora UNESP enfocam justamente essa busca por identidade nacional, em dois momentos distintos: o Império e a República. Em *Pátria Coroada: o Brasil como corpo político autônomo (1780-1831)*, a historiadora Iara Lis Carvalho Souza, da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, câmpus de Assis, estuda a fundação do Estado Nacional no Brasil e a construção de um discurso de poder nos períodos imediatamente anterior e posterior à independência de Portugal.

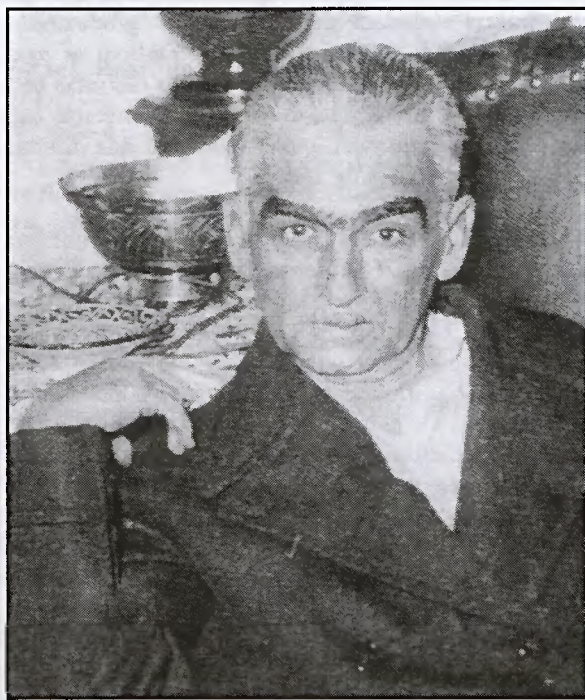
NACIONALIDADE

Em *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N) ação*, a historiadora Tania Regina de Luca, também da FCL, analisa os 113 volumes da publicação, lançados entre 1916 e 1925. O período engloba a comemoração do Centenário da Independência, efeméride que gerou a produção de um grande número de artigos que se debruçavam sobre a questão da nacionalidade em quatro linhas fundamentais: História, Geografia, Etnia e Ciência e Língua.

Os dois livros se complementam ao estudar a construção de um conceito imaginário de nação. Iara pesquisa especificamente a inauguração de uma estátua do imperador D.



HERÓI?
D. Pedro I: mito de fundação da nacionalidade



REFLEXÃO
Lobato: índices de miséria econômica

Pedro I, em 1862. Embora houvesse vozes contrárias à homenagem, o evento contribuiu para a materialização de um mito de fundação da nacionalidade.

Se a professora Iara analisa como D. Pedro passou à História mais como herói da Independência do que como governante, já que mostrou pouco apreço pelas idéias democráticas nos episódios que culminaram na Constituição de 1824, Tania Regina de Luca pesquisa um outro momento de construção da nacionalidade, a *Revista do Brasil*, liderado por intelectuais paulistas empenhados na busca de origens, mas sempre tendo a história e a economia de São Paulo como sustentáculos ideológicos.

SAÍDAS PARA O PAÍS

A *Revista* foi a principal expressão de caráter cultural da República Velha, acolhendo os nomes mais representativos da época, como Monteiro Lobato e Mário de Andrade. Segundo Tania, a publicação pretendia justamente refletir sobre a especificidade do Brasil e propor saídas para seus desacertos.

Ao perscrutar a realidade circundante, os articulistas da publicação constataavam o estado doentio dos habitantes, os índices de miséria econômica, o elevado número de analfabetos e a inexpressividade da nossa produção artística, cultural e científica. Entre as propostas de soluções, criticava-se a falta de partidos políticos estruturados e opinião pública ativa.

Muitas dessas observações permanecem atuais e lançam um alerta para reavaliar, como fazem as autoras, a história do Império e da República. Assim, impedem a construção de falsos mitos, valorizando a ação e o pensamento dos intelectuais e políticos que realmente se preocuparam com a construção de um País que não confirme o pessimismo de Alberto Torres no começo deste século que agora termina.

Pátria Coroada: O Brasil como Corpo Político Autônomo (1780-1831), de Iara Lis Carvalho Souza. Editora UNESP; 398 páginas; R\$ 35,00.

A Revista do Brasil: Um Diagnóstico para a (N) ação, de Tania Regina de Luca. Editora UNESP; 322 páginas; R\$ 29,00. Desconto de 25% para a comunidade unespiana.

Chega de pasmaceira

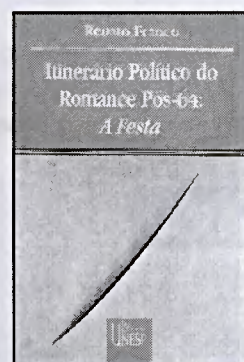
Autor saúda literatura combativa que reagiu à ditadura militar

Se a literatura brasileira do século XIX conta com numerosos ensaios de grande qualidade, que investigam o volume e a qualidade de produção do período, o século XX começa agora a ser perscrutado com maior cuidado. Em *Itinerário Político do Romance Pós-64: A Festa*, o filósofo Renato Franco, da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, câmpus de Araraquara, dá uma importante contribuição ao analisar a criação romanesca dos anos 70, especificamente *A Festa* (1976), de Ivan Angelo.

O objetivo do autor é mostrar como o romance do período reagiu à ditadura militar e também à modernização conservadora do País. Inicialmente, o autor divide a produção literária pós-64 em fases. A primeira, entre 1964 e 1969, teria duas tendências. Uma delas seria o romance político, com textos como *Quarup* (1967), de Antonio Callado. Outra vertente é a da desilusão urbana, com obras como *Engenharia do Casamento* (1968), de Esdras do Nascimento.



Hélio Toth



Itinerário Político do Romance Pós-64: A Festa, de Renato Franco. Editora UNESP; 242 páginas; R\$ 23,00. Desconto de 25% para a comunidade unespiana.

CULTURA DA DERROTA

A segunda fase, de 1969 a 1974, caracteriza-se, logo após o AI-5, pelo foco temático na repressão estatal e na oposição armada ao governo militar. Franco chama as obras do período de representativas da "cultura da derrota", que vigorou até o fim do governo Médici, destacando *Os Novos* (1971), de Luiz Vilela.

Um terceiro momento, na época da abertura, engloba a produção de 1975 a 1979. É marcado pela busca no jornalismo de matéria histórica para os romances. Essa ânsia documental gerou títulos como *O Que é Isso, Companheiro* (1979), de Fernando Gabeira. Há ainda, no

período, experimentações pouco usuais no romance brasileiro, como a narração fragmentária, múltiplos pontos de vista narrativos e a técnica da montagem, presentes em obras como *Zero* (1975), de Ignácio de Loyola Brandão.

Com a progressiva transformação do Brasil num País que valoriza a imagem televisiva em detrimento da palavra, obras como *A Festa* passam a ser "romances de resistência". Franco aponta que o livro, avaliado pelo ensaísta como "original e complexo", é dividido em duas partes: "Antes da Festa (vítimas dos anos 60)" e "Depois da Festa (índice dos destinos)". Precedendo essas partes, há sete narrativas curtas,

EXPERIMENTAÇÃO
Loyola Brandão: narração fragmentária

aparentemente autônomas, numa estruturação que "parece transgredir os gêneros literários então dominantes".

Sendo contra a passividade do leitor, o livro de Ivan Angelo, pelos procedimentos estéticos e literários adotados, coloca-se contra a fascinação com que os meios de comunicação de massa envolvem as pessoas, sendo considerado paradigmático da produção literária brasileira pós-64. Ao valorizá-lo, Renato Franco lança seu apelo para que os romancistas do próximo milênio não se deixem dominar pela passividade que afeta boa parte do mundo contemporâneo.

(O.D.)

FÍSICA

Por que o teflon não gruda

Tese sobre polímeros rende prêmio da Sociedade Brasileira de Física

Polímero é uma longa molécula em cadeia que, dependendo de sua extensão e elementos químicos constituintes, pode ter diferentes propriedades. Exemplos: o teflon, que não deixa o alimento grudar, e o neoprene, valioso por sua elasticidade. Os plásticos, da mesma forma, são feitos de polímeros sintéticos moldados da forma que se desejar, seja um brinquedo ou um cesto de lixo. Foi exatamente ao trabalhar com três polímeros, o poliacetileno, o politiofeno e as polianilinas, que o físico Francisco Carlos Lavarda, do Departamento de Física da Faculdade de Ciências da UNESP, câmpus de Bauru, escreveu a tese de doutoramento que lhe valeu o Prêmio Sociedade Brasileira de Física (SBF), edição 1998, na área de Física Teórica. "O diferencial do meu estudo foi o uso de parâmetros da química teórica, além da paciência de horas e horas de análise", diz o premiado.

Para realizar sua tese, Lavarda, que recebeu um diploma e R\$ 3 mil, pesquisou sistemas extremamente complicados. "Ele chegou a trabalhar com cadeias de 600 mil áto-



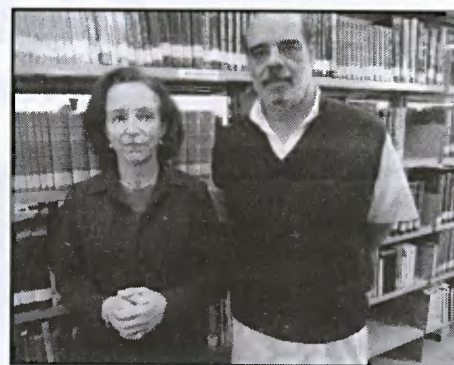
PRÊMIO
Lavarda: condutividade do plástico

mos", conta o físico Bernardo Laks, do Instituto de Física da Unicamp, orientador da tese. Intitulado *Transição Isolante-Metal em Polímeros Condutores*, o trabalho buscou explicar os fenômenos físicos e químicos que permitem transformar plásticos não condutores em materiais que conduzem eletricidade. "A partir do estudo realizado, é possível controlar um plástico para que apresente uma condutividade maior ou menor", afirmou Lavarda, que recebeu o prêmio, em julho último, durante a Assembléia Anual da SBF, realizada na sede da entidade, no Instituto de Física da USP, na Capital.

POSSE

Odonto renova diretoria

Meta é retomar crescimento e ampliar instalações



PROJETOS
Maria Amélia e Santos Júnior: novo prédio

Tomou posse, no último dia 2 de agosto, a odontóloga Maria Amélia Máximo de Araújo como diretora da Faculdade de Odontologia da UNESP, câmpus de São José dos Campos, que exercerá a função até 2003. Ela substituiu o professor José Eduardo Junho de Araújo. O novo vice-diretor é o também odontólogo Paulo Villela Santos Júnior, que substituiu, no cargo, Franklin de Moura Campos.

Maria Amélia pretende, ao longo de sua gestão, retomar alguns projetos desativados, como o da construção de um novo prédio. "O projeto está aprovado, mas, devido à crise financeira, não saiu do papel", explica a nova diretora. "Agora, vamos levá-lo a termo, já que o câmpus tomou-se pequeno para nossas necessidades." A nova edificação deverá abrigar salas de aula para a graduação e pós-graduação, além de vários laboratórios. A nova diretora planeja também reativar o laboratório central e dar continuidade à elaboração de materiais didáticos.

3 x 4

Maria Amélia Máximo de Araújo, 50 anos, graduou-se, em 1972, na Faculdade de Odontologia da UNESP, câmpus de São José dos Campos. Concluiu o mestrado em 1975 e o doutorado, em 1982, ambos na área de Clínica Odontológica, na Faculdade de Odontologia da USP, São Paulo. A livre-docência, Maria Amélia defendeu em 1987. Em 1993, tornou-se professora titular. Antes de assumir a direção da faculdade, Maria Amélia é professora titular do Departamento de Odontologia Restauradora e coordenadora da Pós-Graduação.

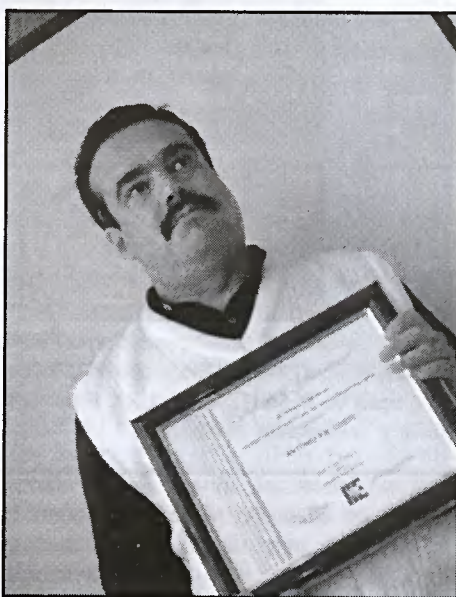
ENGENHARIA

Qualidade garantida

Pesquisador é laureado nos Estados Unidos

Sempre que uma caneta esferográfica entope e pára de escrever antes do término da tinta, significa que houve algum problema na fabricação. Reduzir a quantidade desses defeitos – infelizmente, muito frequentes – é justamente a tarefa dos que estudam o controle estatístico de qualidade, uma área altamente técnica e de importância fundamental na engenharia industrial. Entre os melhores pesquisadores do mundo, há agora um brasileiro, o engenheiro mecânico Antonio Fernando Branco Costa, chefe do Depar-

tamento de Produção da Faculdade de Engenharia da UNESP, câmpus de Guaratinguetá, vencedor do prêmio de Melhor Artigo Publicado na Área de Engenharia da Qualidade, em 1998, pela revista semestral *Institute of Industrial Engineers (IIE) – Transactions*, editada em Atlanta, Georgia, EUA. "Não esperava a premiação. Se já é difícil publicar artigos nessa revista, que exige a aprovação de três *referees* de renome internacional na área, o que dirá ser considerado o melhor do ano", diz Branco, que recebeu um certifica-



LÁUREA
Branco: o melhor do ano, nos EUA

do pela conquista da láurea. Associação profissional sem fins lucrativos dedicada ao avanço da excelência técnica e administrativa de engenheiros industriais, a IIE conta com mais de 24 mil membros em mais de 80 países. "O trabalho premiado propõe ferramentas estatísticas mais eficientes para o controle de processos produtivos. O monitoramento por meio dessas ferramentas estatísticas reduz consideravelmente o número de itens fora dos padrões de qualidade desejados", conclui Branco.

ARARAQUARA

- 9 a 12/08. **Jornada de Educação: Cognição, Cultura e Ética.** No Anfiteatro A da Faculdade de Ciências e Letras (FCL). Informações: (0xx16) 232-0444, ramal 134 ou 149.
- 10 a 13/08. Encontro "Technology and the Language Centre Today". No Anfiteatro B da FCL. Informações: (0xx16) 232-0444, ramal 134 ou 149.
- 16 e 17/08. **Curso de Livre Docência.** Com o Prof. Dr. Sidney José Lima Ribeiro. No Instituto de Química (IQ). Informações: (0xx16) 232-2022.
- 17 a 19/08. **I EdIP - Encontro de Estudos Diacrônicos do Português.** No Anfiteatro A da FCL. Informações: (0xx16) 232-0444, ramal 134 ou 149.
- 18 a 22/08. **53ª Jornada Odontológica Internacional e II Encontro de Endodontia.** Na programação, minicursos,

AGENDA

RELAÇÃO DOS EVENTOS PROMOVIDOS
PELAS UNIDADES NO MÊS DE AGOSTO

- workshops* e curso internacional ministrado pelo Prof. Dr. Emile Rosouw (Universidade de Toronto/Canadá). Na Faculdade de Odontologia (FO). Informações: (0xx16) 236-5476.
- 19/08. Apresentação da peça "O Alienista", com o Grupo Alquimia. No Teatro Municipal. Informações: (0xx16) 232-2022.
- 24/08. Último dia de inscrição para o curso de especialização **Linguística de Texto e Ensino**, a ser realizado de 28 de agosto de 1999 a 26 de agosto

- de 2000. Na FCL. Informações: (0xx16) 232-0444, ramal 134 ou 149.
- 25/08. Debate: **O Uso de Animais em Experimentos Científicos.** No Anfiteatro A da FCL. Informações: (0xx16) 232-0444, ramal 134 ou 149.

- ASSIS**
- 2 a 6/08. **Curso História da Língua Portuguesa.** Professor responsável: Jorge Morais Barbosa, da Universidade de Coimbra, Portugal. Na Sala 1, Pré-

- dio I. Organização do Departamento de Linguística e do Curso de Pós-Graduação em Letras, área de Filologia e Linguística Portuguesa. Na Faculdade de Ciências e Letras (FCL). Informações: (0xx18) 322-2933.
- 10/08 a 30/09. **Curso Insetos no Ambiente Humano.** Na FCL. Informações: (0xx18) 322-2933.
- 16 e 17/08. **Ciclo de Palestras em Homenagem ao Professor Doutor Antônio Soares Amora.** No Anfiteatro Antônio Merisse. Na FCL. Informações: (0xx18) 322-2933.
- 20/08. **Palestra Linguística Textual,** de Ingrida Grunfeld Villaça Koch (IEL-Unicamp). No Anfiteatro Antônio Merisse. Promoção do Departamento de Linguística. Na FCL. Informações: (0xx18) 322-2933.

- se. Na FCL. Informações: (0xx18) 322-2933.
- 3/08 a 4/09. **Curso de Extensão Universitária: A Educação Física como Elemento de Promoção da Saúde.** Na Faculdade de Ciências (FC). Informações: (0xx14) 221-6081.
- 6/08. Último dia de inscrição para o curso de especialização em **Engenharia de Produção**, a ser realizado em 20 de agosto. Na Faculdade de Engenharia (FE). Informações: (0xx14) 230-2111 ou 230-5070.
- 9 a 20/08. Período de inscrição para o curso de extensão **Estatística Básica**, a ser realizado

- BAURU**
- 3/08 a 4/09. **Curso de Extensão Universitária: A Educação Física como Elemento de Promoção da Saúde.** Na Faculdade de Ciências (FC). Informações: (0xx14) 221-6081.
 - 6/08. Último dia de inscrição para o curso de especialização em **Engenharia de Produção**, a ser realizado em 20 de agosto. Na Faculdade de Engenharia (FE). Informações: (0xx14) 230-2111 ou 230-5070.
 - 9 a 20/08. Período de inscrição para o curso de extensão **Estatística Básica**, a ser realizado



de 23 de agosto a 3 de setembro. Na FE. Informações: (0xx14) 230-2111 ou 230-5070.

BOTUCATU

- 6 a 8/08. **I Congresso Internacional de Acupuntura Veterinária.** Convidados Dr. Philip Rogers (Irlanda) e Dr. Emiel Van Den Bosh (Bélgica). Promoção: Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia (FMVZ). No IBEHE, São Paulo. Informações: (0xx14) 820-6252, 820-6331 ou (0xx11) 4238-8508.
- 13/08. Início do curso de Pós-Graduação em **Toxicologia.** No Centro de Assistência Toxicológica (CEATOX). Informações: (0xx14) 821-3048 ou 820-6017.
- 14/08. Início do curso de especialização em **Cirurgia e Anestesiologia Veterinária**, a ser realizado até junho de 2001. Na FMVZ. Informações: (0xx14) 820-6252 ou 820-6331.
- 20 a 21/08. **III Encontro de Pesquisadores em Mastite.** No Auditório da Faculdade de Ciências Agrômicas (FCA). Informações: (0xx14) 821-3883.
- 21/08. **Módulo II do I Curso de Ultra-som Obstétrico.** No Salão Nobre do Hospital das Clínicas de Botucatu. Informações: (0xx14) 820-6227 ou 820-6090.
- 23 a 27/08. **III Semana da Bio.** Palestras, minicursos, mesas-redondas e apresentação de trabalhos científicos. No Instituto de Biociências (IB). Informações: (0xx14) 822-4677.

FRANCA

- 9 a 13/08. **O Direito na Sétima Arte.** Exibição de filmes

com abordagens da problemática jurídica. Na Faculdade de História, Direito e Serviço Social (FHDSS). Informações: (0xx16) 711-1800.

- 16 a 20/08. **X Semana Jurídica.** Na FHDSS. Informações: (0xx16) 711-1800.



GUARATINGUETÁ

- 1º a 4/08. Comemorações do Terceiro Aniversário da **Faculdade Aberta da Terceira Idade.** Informações: (0xx12) 525-2800.
- 23/08. **Tarde Cultural** para comemorar o 28º aniversário do Grêmio Estudantil do Colégio Técnico Industrial de Guaratinguetá, unidade complementar da UNESP. Informações: (0xx12) 525-2800.
- 25 a 27/08. **Jornada de Iniciação Científica e Pós-Graduação 99.** Na Faculdade de Engenharia (FE). Informações: (0xx12) 525-2800.
- 31/08. Inauguração do **Laboratório de Ensino Tecnológico**, financiado pela Fapesp dentro do Programa da Melhoria da Qualidade do Ensino Público Profissionalizante. Informações: (0xx12) 525-2800.
- 31/08. Reformas da **Oficina mecânica.** Alavancadas pelo Programa 5S, com o apoio de empresas da região. Informações: (0xx12) 525-2800.

JABOTICABAL

- 6 e 7/08. Curso de Extensão: **Produção de Tilápias.** No Centro de Aqüicultura (CAUNESP). Informações: (0xx16) 323-2110

PRES. PRUDENTE

- 4/08. Minicurso: **Cultura Brasileira - Movimento Negro em Presidente Prudente.** Voltado para a terceira idade. No Anfiteatro III da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT). Informações: (0xx18) 221-5388.
- 5/08. Minicurso: **Cultura Brasileira - Assentamentos Rurais.** Voltado para a terceira idade. No Anfiteatro III da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT). Informações: (0xx18) 221-5388.
- 9 a 20/08. Exposição: **40 anos de Publicações Científicas; da FAFI à FCT.** Na Biblioteca da FCT. Informações: (0xx18) 221-5388.
- 20/08. **Lançamento do Livro Comemorativo dos 40 anos da FCT.** No Anfiteatro II da FCT. Informações: (0xx18) 221-5388.
- 23 a 27/08. **III Semana da Matemática da FCT/UNESP.** Na FCT. Informações: (0xx18) 221-5388.
- 26/08. Seminário Educação e Cidadania **"Pode a Universidade Auxiliar na Formação do Cidadão?"**. No Anfiteatro I da FCT. Informações: (0xx18) 221-5388.

RIO CLARO

- 2 a 27/08. Período de inscrição para o curso de Pós-Graduação em **Geografia.** Área de concentração: Organização do espaço e análise da Informação Espacial.

No Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE). Informações: (0xx19) 534-0122.

- 2 a 5/08. **Território Aberto: Ciência e Cultura.** Promoção do Grupo PET - Geografia da UNESP - Rio Claro. No IGCE. Informações: (0xx19) 526-2241 ou 526-2242.
- 3 a 31/08. Seminário de **Matemática e Educação Matemática.** Presença de docentes do IGCE/UNESP, da Unicamp, da Universidade de Havana e da Faculdade de Educação da USP. Promoção do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática do Departamento de Matemática. No IGCE. Às 14h. Informações: (0xx19) 534-0123.
- 29/08 a 2/09. **5º Simpósio sobre Cretáceo da América do Sul.** Promoção do Departamento de Geologia Sedimentar do IGCE - Rio Claro. No Rádio Hotel, em Serra Negra (SP). Informações: (0xx19) 526-2819.

S. J. CAMPOS

- 16/08. Curso de Extensão: **Biossegurança em Odontologia.** Público-alvo: cirurgiões-dentistas, auxiliares odontológicos e acadêmicos. Na Faculdade de Odontologia (FO). Informações: (0xx12) 321-8166, ramal 1205 com Sílvia.
- 17/08. Início do curso de atualização **Endodontia.** Na FO. Informações: (0xx12) 321-8166, ramal 1303.
- 18/08. Início do curso de atualização **Estética em Dentística - Novos Materiais e seus Empregos.** Na FO. Informações: (0xx12) 321-8166, ramal 1303.

S. J. RIO PRETO

- 2 a 6/08. Inscrições para o Curso de **Inglês Instrumental.**

Promoção: Fapesp e Ibilce. No Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce). Informações: (0xx17) 221-2364, com Irene.

- 17/08. Primeira palestra do ciclo de debates **Os Cursos de Graduação no Próximo Milênio.** Às 14h30, no Ibilce. Informações: (0xx17) 221-2456 ou 221-2410.

SÃO PAULO

- 13/08. Palestra **Uma Breve História do Universo**, do projeto Física ao Entardecer que aborda tópicos da física moderna. Palestrante: Prof. Dr. Rogério Rosenfeld. Às 18h30, no Instituto de Física Teórica (IFT). Informações: (0xx11) 3177-9073 ou 3177-9029.



- 18/08. Último dia de inscrição para o curso **O Trabalho com a Linguagem Teatral: da Improvisação à Encenação**, a ser realizado de 21 de agosto a 6 de novembro. No Instituto de Artes (IA). Informações: (0xx11) 274-4733, ramal 221.

Atenção, unidades:

Prazo para envio de informações para a Agenda:
 - edição de setembro, 16/08
 - edição de outubro, 15/09
 - edição de novembro, 14/10

CONGRESSO

A natureza, penhorada, agradece

Evento debate formas de conservação e manejo da biodiversidade

Ecologia molecular, conservação ambiental, animais silvestres, biotecnologia, crimes ambientais, engenharia genética e plantas transgênicas serão os principais temas



Morcegos: animais sinatrópicos

do I Congresso Brasileiro de Conservação e Manejo da Biodiversidade, que será realizado, de 16 a 19 de agosto, no Teatro Municipal de Ribeirão Preto, interior de São Paulo. "O encontro abrange o tema dos mais variados pontos de vista, do técnico-científico ao ético", diz o biólogo Nivar Gobbi, diretor do Centro de Estudos Ambientais (Cea), unidade complementar da UNESP, câmpus de Rio Claro, presidente da comissão organizadora do evento, cuja conferência de abertura, intitulada "Problemas - Programa Brasileiro de Ecologia Molecular para o uso Sustentável da Amazônia", será proferida por Wanderley Messias da Costa, do Ministério do Meio Ambiente,

Cea marca ponto, mais uma vez, promovendo o primeiro congresso do gênero, no Brasil", diz o zoólogo Arif Caís, do Departamento de Zoologia do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da UNESP, câmpus de São José do Rio Preto, que realizará conferência sobre "Manejo e controle de animais sinatrópicos". "Os sinatrópicos são aqueles animais que vivem junto ao homem, mas não são domésticos, como ratos, morcegos, pulgas, pombos domésticos e escorpiões", explica. Informações: (0xx16) 323-1322, ramal 219, na Fundação de Estudos e Pesquisa em Agronomia, Medicina Veterinária e Zootecnia (Funep), com Marli Alves.

CURSO

Passaporte para a arte e a cultura

Ciclo de palestras propõe viagem pelo mundo das artes ocidentais

Quais as relações entre arte e cultura no Ocidente? Para responder a essa e a outras perguntas semelhantes, o Curso de Pós-Graduação em Artes do Instituto de Artes (IA) da UNESP, câmpus de São Paulo, está propondo uma fascinante viagem no tempo, da Idade Média ao mundo contemporâneo, passando, entre outros movimentos estéticos, pelo Renascimento e pelo Barroco. Trata-se do ciclo de palestras "Arte e Cultura", que será realizado, no Instituto, de 23 de agosto a 14 de outubro. "Serão 28 palestras, sempre das 12h30 às 15h, que constituirão uma autêntica viagem pela arte e a cultura ocidentais", diz a musicóloga Maria de Lourdes Sekeff Zampronha, coordenadora geral do curso.

O evento, que contará com conferencistas do IA, da ECA-USP, da Unicamp e da Universidade Federal de Goiás, enfocará, entre outros temas, a etnomusicologia, a poesia, a psicologia, a arte pública, o teatro, a semiótica e a mídia. "Uma das propostas é justamente explorar a interdisciplinaridade", afirma Maria de Lourdes. Inscrições na Seção de Pós-Graduação do IA, de 2 a 6 de agosto, para alunos do curso de pós-graduação, e para alunos especiais e ouvintes, de 9

a 13 de agosto, no mesmo local. O IA fica na Rua Dom Luís Lasagna, 440, no bairro do Ipiranga, na Capital. Informações: (0xx11) 274-4733, ramal 234.



As Graças, de Botticelli

Jorge Luis Borges é um universo. Por isso, motiva as mais diferentes abordagens. Trabalhos tão díspares, como aproximar o escritor argentino, cujo centenário de nascimento é completado em 24 de agosto, de Edgar Allan Poe e de Guimarães Rosa, já foram produzidos por docentes da UNESP, que concordam ao apontar o maior mérito do poeta, contista e ensaísta: transformar a escrita e a leitura num jogo profundo e apaixonante. "Sua elaboração mítica do ser humano cria uma cosmogonia própria e extremamente poética", diz Karin Volobuef, da Faculdade de Ciências e Letras (FCL) da UNESP, câmpus de Araraquara.

Luiz Antônio de Figueiredo, professor da FCL da UNESP, câmpus de Assis, por exemplo, escreveu a tese de livre-docência *Edgar Allan Poe o outro & o mesmo Jorge Luis Borges*, onde realiza uma comparação entre as obras do escritor norte-americano, autor de *O Corvo* e *O Tonel de Amontilado*, e do argentino. "Os dois escritores enfocam o duplo e, para abordar essa questão, traduzi textos deles para uma terceira língua, a portuguesa. Verifiquei que, para Borges e Poe, a poesia é imaginário e construção, simultaneamente", diz Figueiredo.

INSÓLITO

Para Lenira Marques Covizzi, da FCL da UNESP, câmpus de Araraquara, outro diálogo possível da obra de Borges é com a de Guimarães Rosa. Em sua dissertação de mestrado, premiada pela Academia Paulista de Letras em 1970 e publicada sob o título *O Insólito em Guimarães Rosa e Borges* (Ática, 1978), ela trabalhou com o escritor argentino e o ficcionista mineiro. "Perante um século que não trouxe soluções, mas intensificou os problemas e as angústias do homem, ambos utilizam o mesmo recurso: o insólito, a fuga da percepção habitual da realidade", comenta.

Na infância, Borges ouviu histórias de lutas de faca entre boêmios e passou horas diante da jaula de tigres no Jardim Zoológico de sua Buenos Aires natal, material que depois recriaria na literatura. Como seu avô paterno era casado com uma inglesa, os pais do menino, de classe média, falavam inglês e espanhol com a mesma habilidade. Isso possibilitou que, aos nove anos, ele traduzisse "O Príncipe Feliz", de Oscar Wilde, para o espanhol. Seis anos depois, mudou-se com os pais para a Europa, tomando contato

O SENHOR DOS LABIRINTOS

Depois de Jorge Luis Borges, nascido há 100 anos, a escrita e a leitura nunca mais seriam as mesmas



INVENÇÃO

Borges: confusão voluntária entre realidade e irrealdade

com a obra de Schopenhauer, que adotou como filósofo preferido.

Foi ainda nesse período vivido no Velho Continente que Borges conheceu a obra de seu poeta predileto, Walt Whitman. "Ele foi um ótimo leitor da poesia do escritor norte-americano, da qual fez várias traduções. Escreveu ainda ensaios em que critica a ingenuidade das leituras que identificam o herói de *Leaves of Grass* (*Folhas de Relva*) com o próprio Whitman", diz Maria

Clara Bonetti Paro, da área de Língua e literatura norte-americanas da FCL, câmpus de Araraquara.

MÉRITO

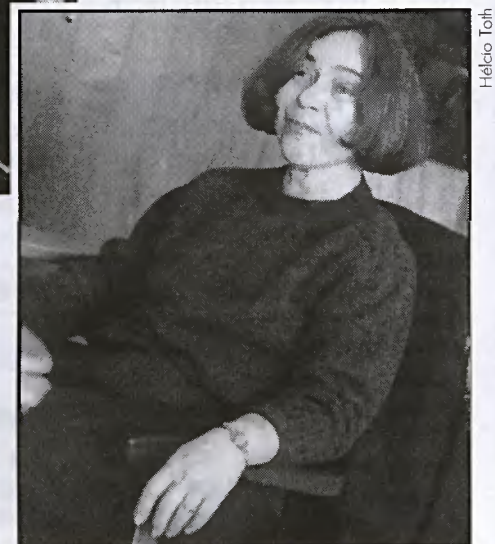
Em 1937, de volta a Buenos Aires, Borges passou a classificar e a catalogar livros na Biblioteca Municipal local. Ganhou assim intimidade com infinitos textos, que citava livremente, sem se preocupar com a precisão. "Nessa confusão voluntária entre a

realidade e a irrealdade, manifesta no resumo e análise de livros inexistentes, ocorrem invenções de personagens, livros, teorias e lugares", diz Lenira. "É o que acontece com a epígrafe do conto "A intrusa", levado ao cinema, em 1979, por Carlos Hugo Christensen", diz Rubens Eduardo Ferreira Frias, professor da área de língua e literatura hispano-americanas do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Humanas (Ibilce) da UNESP, câmpus de São José do Rio Preto (veja artigo).

Nos anos 70, coube a Borges o mérito de conferir maioridade à literatura hispano-americana. "Ele fez a cultura ocidental voltar-se para a literatura latino-americana e aprender com ela", diz Maria Clara, admiradora sobretudo dos ensaios de Borges. "Ele deixou ensinamentos preciosos para leitores, escritores e professores de literatura, enfatizando o momento privilegiado do encontro do leitor com o texto."

Após criar um mundo ficcional marcado pela presença de labirintos e espelhos, sombras e tigres, Borges, cuja obra completa, em quatro volumes, está sendo lançada no Brasil, pela Editora Globo, recebeu, em 1980, o Prêmio Cervantes, o maior galardão das letras espanholas. Morreu, seis anos depois, na Suíça, com a cegueira hereditária que o acompanhava desde 1955, e sem nunca ter recebido o Prêmio Nobel de Literatura. Mas isso, para os docentes da UNESP, não é demérito. "O critério estético da escolha não é dissociado de questões histórico-sociais e políticas", argumenta Maria Clara.

Oscar D'Ambrosio



POÉTICA

Karin: cosmogonia própria

ARTIGO

A ilusão de aprimorar Borges

RUBENS EDUARDO FERREIRA FRIAS

A Intrusa: correção corrigida



Reprodução
Emir Rodríguez Monegal foi um dos grandes mestres de literatura hispano-americana da atualidade, autor de vários textos sobre o homenageado, como *Borges hacia una interpretación* (1976) e *Jorge Luis Borges ficcionario* (1985), uma antologia comentada. Nesta, selecionou o conto "La Intrusa" e assinalou um equívoco do escritor: "El Epígrafe sólo indica (y con algún error) la alusión bíblica. Se trata de un pasaje de Il Samuel I, 26 (y no de Reyes, como indica Borges, nota 98, pg. 470)". Flávio José Cardozo, bom profissional, também embarcou na mesma canoa e colocou a epígrafe "certa" em sua tradução "A Intrusa" (*O Aleph*, contos, 1973), acrescentando uma nota explicativa.

Se quiser duvidar da "correção", o leitor atento pode fixar-se na seguinte passagem, do mesmo texto traduzido, que descreve os protagonistas gaúchos: "Foram tropeiros, carregadores, ladrões de gado e, uma ou outra vez,

trapaceiros" (p.140). Ora, esta última característica parece transferir-se ao próprio relato, contaminando o já ambíguo discurso do narrador. Tratar-se-ia, portanto, de uma artimanha narrativa, e não de um erro. Literatura, especialmente a contemporânea, é *invenção e jogo*. Jorge Luis Borges, Julio Cortázar, Salvador Dalí, Luis Buñuel e muitos inovadores costumavam envolver o público em instigantes partidas ou em rápidos lances surpreendentes. Se estamos no universo da ficção e da arte, da Biblioteca de Babel ou em Chinatown, "tudo pode acontecer", mas a malandragem da milonga é mais provável que um engano puro e simples.

Rubens Eduardo Ferreira Frias é professor da Área de Língua e Literatura Hispano-Americanas do Ibilce, da UNESP, câmpus de São José do Rio Preto.